



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Larissa Silveira da Rocha

**DAVID TURNBULL: ENTRE A MILITÂNCIA ABOLICIONISTA E A
DIPLOMACIA, 1837-1851**

Florianópolis

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Larissa Silveira da Rocha

**DAVID TURNBULL: ENTRE A MILITÂNCIA ABOLICIONISTA E A
DIPLOMACIA, 1837-1851**

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História.
Orientador: Prof. Dr. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rocha, Larissa Silveira da
David Turnbull : Entre a militância abolicionista e a
diplomacia, 1837-1851 / Larissa Silveira da Rocha ;
orientador, Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, 2020.
79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. David Turnbull. 3. Escravidão. 4.
Abolicionismo. 5. Diplomacia. I. Silva Júnior, Waldomiro
Lourenço da. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 19 dias do mês de março do ano de dois mil e vinte, às catorze horas via teleconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior (Orientador e Presidente); Prof. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho (Titular); Prof. Alain El Youssef (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 42/HST/CFH/2020, a fim de argüirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) **Larissa Silveira da Rocha**, intitulado: **"DAVID TURNBULL (1793-1851): ENTRE A MILITÂNCIA ABOLICIONISTA E A DIPLOMACIA"**. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o(a) acadêmico(a) expôs o seu trabalho. Terminada a exposição, dentro do tempo regulamentar, o(a) mesmo(a) foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, nota 9,5, Prof. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, nota 9,5, Prof. Alain El Youssef, nota 9,5, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 9,5. Observa-se uma pequena alteração no título do trabalho, que passou a ser **"DAVID TURNBULL: ENTRE A MILITÂNCIA ABOLICIONISTA E A DIPLOMACIA, 1837-1851"**. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva assim que as atividades administrativas da universidade sejam restabelecidas. O Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 19 de março de 2020

Prof. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior (Orientador)



Documento assinado digitalmente
Waldomiro Lourenço da Silva Júnior
Data: 20/03/2020 10:43:59-0300
CPF: 299.383.808-32

Prof. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho (Titular)



Documento assinado digitalmente
Henrique Espada Rodrigues Lima Filho
Data: 23/03/2020 15:12:59-0300
CPF: 671.643.699-34

Prof. Alain El Youssef (Suplente): *alain el youssef*

Larissa Silveira da Rocha (Candidata): *Larissa S. Rocha*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica Larissa Silveira da Rocha, matrícula n.º 15103955, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **DAVID TURNBULL: ENTRE A MILITÂNCIA ABOLICIONISTA E A DIPLOMACIA, 1837-1851**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 13 de Maio de 2020.



Documento assinado digitalmente
Waldomiro Lourenço da Silva Junior
Data: 08/05/2020 19:33:20-0300
CPF: 299.383.808-32

Orientador(a)

Este trabalho é dedicado a Geisa, por nunca ter se negado a compartilhar seus conhecimentos comigo, independente da distância.

AGRADECIMENTOS

As minhas primeiras palavras de agradecimentos se dirigem aos professores que tive aos longos destes anos que me ensinaram a importância de estudar, de aprender e de compartilhar o conhecimento, inspirando-me a seguir em diante. Desta forma, gostaria de demonstrar minha profunda gratidão aos meus primeiros professores: meus pais, Regina e Isaac, por terem sempre incentivado meus estudos e por terem acolhido todas as decisões que tomei ao longo desta jornada. Em seguida gostaria, de agradecer a professora Geisa, minha irmã mais velha por qual este trabalho é dedicado, obrigada por estar presente em todas as etapas da minha graduação independente da distância.

Seguidamente, quero demonstrar minha gratidão ao meu professor e orientador Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, por toda atenção dedicada ao longo deste processo, por acolher todas minhas dúvidas e respondê-las com grande paciência e cuidado, obrigada principalmente por ter confiado em mim para elaborar uma contribuição. Agradeço também aos professores Henrique Espada Lima e Alain El Youssef por se dispuserem a contribuir e avaliar este trabalho.

Neste sentido, gostaria de agradecer a todos os professores e professoras de História que tive ao longo destes anos, por me apresentarem as diversas possibilidades de análises, das quais estarão presentes em toda minha trajetória histórica. Assim como os servidores do departamento de curso História, que foram sempre muito atenciosos e solícitos durante estes quatro anos e meio. Agradeço também aos colegas do curso que demonstraram a possibilidade de alegria mesmo em momentos de tensão, especialmente minha amiga Catiúscia, que mesmo conhecendo somente na última fase, certamente estará presente outras etapas.

A Nicholas Bruhns Bastos, agradeço por todo companheirismo e carinho partilhado ao longo destes anos, e por toda solicitude e empatia dedicada a mim e a este trabalho, obrigada por fazer parte desta história! Gostaria também de agradecer às minhas grandes amigas de infância, Giulia Lemos que me acompanha com muita fraternidade desde o princípio, e Victoria Ventura que juntamente com o querido Caetano me presentearam com o compromisso de cuidar da Lua Ventura de Oliveira, minha amada afilhada.

Por fim agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina como instituição de ensino, por me proporcionar uma formação pública, plural e de qualidade. E além disso, me oportunizar experiências e momentos de reflexão que me tornaram uma pessoa mais responsável, resistente e consciente.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como se configurou a atuação de David Turnbull como militante abolicionista e agente da diplomacia britânica em Cuba. Essa trajetória individual é acompanhada a partir da publicação do livro *Travels in the West*, que descreve a jornada de Turnbull pelas Grandes Antilhas tendo como objetivo narrar as formas de escravidão e os meios utilizados para fomentá-la. Seu plano de abolição para a escravidão cubana, foi taxado de radical, e por esse motivo o abolicionista foi expulso da Ilha pelas autoridades locais. Mas mesmo distante as consequências de suas práticas militantes e diplomáticas ainda refletiam em Cuba. Em função destes impactos causados na sociedade caribenha, é que nos propomos a analisar a trajetória de David Turnbull, a fim de compreender o debate histórico internacional abolicionista através uma perspectiva individual.

Palavras-Chave: David Turnbull; Escravidão; Abolicionismo; Cuba; Espanha; Grã-Bretanha

ABSTRACT

The present research intends to understand how was configured the actions of David Turnbull as an abolitionist militant and British diplomatic agent in Cuba. This individual trajectory is accompanied by the publication of the book *Travels in the West*, which describes Turnbull's journey through the Greater Antilles with the intention of narrating the forms of slavery and the means used to foster it. His abolition plan for Cuban slavery was called radical, and for this reason the abolitionist was expelled from the island by the local authorities. But even far away the consequences of his militant and diplomatic practices were still reflected in Cuba. In view of these impacts on Caribbean society, we propose to analyze David Turnbull's trajectory, in order to understand the international abolitionist historical debate through an individual perspective.

Keywords: David Turnbull. Slavery. Abolitionism. Cuba. Spain. Great Britain.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilha de Cuba	30
Figura 2 – Plano de La Habana	33
Figura 3 – Engenhos de açúcar em Cuba em 1827.....	49
Figura 4 – The Anti-Slavery Society Convention, 1840	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índices dos preços de venda nominais do algodão, açúcar mascavo cubano e café brasileiro, 1821-1860.....	42
Gráfico 2 – População escrava Cubana	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exportações.....	38
Tabela 2 – Importações.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
	CAPÍTULO 1 – DO CONTEXTO HISTÓRICO INTERNACIONAL AO PANORAMA POLÍTICO LOCAL	17
1.1	INTRODUÇÃO ÀS AUTORIDADES BRITÂNICAS E HISPÂNICAS	24
	CAPÍTULO 2 – ECONOMIA E SOCIEDADE PELOS OLHOS DE DAVID TURNBULL	30
2.1	CUBA: MAPEAMENTO AMBIENTAL, DEMOGRÁFICO E ESTATÍSTICO	30
2.1.1	<i>La Siempre Fidelísima Ciudad de San Cristobal de la Havana</i>	32
2.2	ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA A PARTIR DE LEVANTAMENTOS ESTATÍSTICOS	38
2.3	O CENÁRIO ESCRAVISTA CUBANO	46
	CAPÍTULO 3 – AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA ATUAÇÃO ABOLICIONISTA.....	53
3.1	ESCRavidÃO & CONFLITO DIPLOMÁTICO	53
3.2	DAVID TURNBULL E O COMBATE À ESCRavidÃO.....	58
3.2.1	<i>La Conspiración de la Escalera</i>	62
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	71
	1. Fontes.....	71
	2. Figuras	71
	3. Bibliografia	72
	ANEXOS.....	75
	1 Imagens.....	75
	ANEXO I – DAVID TURNBULL.....	75
	ANEXO II – CONDE DE CLARENDON	75
	ANEXO III – FRANCISCO DE ARANGO Y PARREÑO	76
	ANEXO IV - FRANCISCO DIONÍSIO VIVES PIÑÓN.....	76
	ANEXO V - JOSÉ ANTÔNIO SACO	77
	ANEXO VI - MIGUEL TACON Y ROSIQUE	77
	ANEXO VI - DON JOAQUIN DE EZPELETA.....	78
	ANEXO VII - RICHARD ROBERT MADDEN	78
	ANEXO VIII – THOMAS BUXTON	79

ANEXO IX – JOSEPH STURGE	80
ANEXO X – GERÓNIMO VALDÉS	80

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho realizamos uma análise da trajetória David Turnbull (1793-1851)¹, buscando compreender como se configurou sua atuação como militante abolicionista e agente da diplomacia britânica em Cuba, à luz das dinâmicas econômicas e políticas do período. Muito sobre a origem de Turnbull e sua juventude é incerta. Indícios indicam seu nascimento na Escócia no dia 02 de julho de 1793, filho de David e Agnes Turnbull². Ele teria estudado Direito na Universidade de Glasgow, sem chegar a se formar devido uma provável falência familiar³. No dia 18 de Agosto de 1826, Turnbull se casou com Elinor, que conhecera através de seus irmãos⁴. Sua vida mudou de fato quando o casal passou a viver em Londres, época em que ele começou a trabalhar para a *Times* como correspondente, escrevendo para todo o continente europeu⁵.

A década de 1830 nos apresenta a inserção do jovem David Turnbull nas relações políticas e diplomáticas. No par de anos que viveu em Paris (1830-1831), uniu-se a um grupo cosmopolita de intelectuais liberais, chegando a escrever como testemunha ocular da Revolução de 1830 na França; após alguns meses nos Países Baixos e na Bélgica, em 1832 foi enviado para Madri, onde se engajou com as causas independentistas e abolicionistas, demonstrando afeição aos movimentos liberais contra os Carlistas⁶ e apoiando os esforços do ministro britânico em Madri, George William Frederick Villiers⁷, por negociar os tratados de supressão do tráfico de escravos; em 1837, retornou para a Grã-Bretanha, onde renunciou seu emprego na *Times*, passando a se dedicar à militância abolicionista ao ingressar na English

¹ Vide imagem de David Turnbull no anexo I

² Turnbull to Lord John Russell, 22 Jan 1841, TNA: PRO, FO 72/584 *apud* LLORCA-JAÑA, Manuel. *David Turnbull (1793?- 1851): journalist and slavery abolitionist*. Oxford University Press 2004–9

³ Estes registros foram obtidos através dos registros contidos no álbum escolar da universidade de Glasgow (1728-1753) ver mais em: PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990. p. 132

⁴ LLORCA-JAÑA, Manuel. *David Turnbull (1793?- 1851): journalist and slavery abolitionist*. Oxford University Press 2004–9, p. 1

⁵ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990. p.132

⁶ O termo “carlista” referia-se inicialmente ao grupo de pessoas que apoiavam regime do absolutista Carlos de Bourbon durante a primeira guerra de sucessão na Espanha. Assim surgiu o movimento chamado “carlismo”, que tinha como seus pilares a perpetuação da monarquia e da igreja católica, se opondo às políticas e aos movimentos liberais. Ver mais em: PIRALA, Antonio. *Historia de la guerra civil y de los partidos liberal y carlista*, Madrid, 1984

⁷ Também conhecido sob o título Conde de Clarendon, o ministro britânico teria despertado o interesse de Turnbull no problema do comércio ilegal de escravos, aliás, o livro *Travels in the West* publicado em 1840 é dedicado ao conde. Ver mais em : Murray pp.145-147/ Vide imagem do Conde de Clarendon no anexo II

Anti-Slavery Society⁸. Em 1837, Turnbull iniciou sua jornada pelas Índias Ocidentais, que resultaria no livro “Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and the Slave Trade”⁹, cuja narrativa discorre a respeito da sua expedição ao longo das margens do ocidente do Oceano Atlântico, apresentando o funcionamento das sociedades caribenhas e as relações escravistas estabelecidas e, acima de tudo, demonstrando a viabilidade da supressão do tráfico de escravos.

Para este fim, utilizaremos uma metodologia de análise que considera os sujeitos, suas trajetórias e suas subjetividades, como fonte para compreensão de determinadas relações sociais do passado. Buscaremos relacionar a história destes indivíduos com um universo social que não é definido somente pela atuação dos mesmos, mas que em alguma medida sofre sua influência. Isto é, estas trajetórias individuais são tanto determinadas pelas estruturas, como determinantes desta mesma estrutura, se relacionam como o universo social de forma dialética, sempre moldando e sendo moldadas¹⁰.

Desta forma, a escolha por este método analítico se justifica a partir do entendimento de que as análises de trajetória são “(...) uma maneira singular de percorrer o espaço social, (...)”¹¹ que nos aproxima do significado que tiveram as ações destes indivíduos dentro de um universo social maior. Aqui as disposições das estruturas, e a forma como estas interagem com os indivíduos é percebida de forma “diacrônica”, a partir do estudo “da trajetória dos grupos nos diversos campos”.¹²

No campo historiográfico, o gênero conhecido como “Micro-História” possibilita a percepção desta trajetória individual através de uma escala de observação delimitada. A redução de escala proporcionada por esta abordagem permite uma análise mais minuciosa a respeito das fontes históricas, contemplando temáticas presentes nos cotidianos dos indivíduos e relação da trajetória destes com a transformação do mundo ao seu redor¹³. Desta forma, a proposta oferecida pela Micro-História é revelar mediante desta redução temporal e espacial realidades que não poderiam ser observadas em um contexto mais amplo de análise¹⁴.

⁸ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood...* pp.132-133; LLORCA-JAÑA, Manuel. *David Turnbull (1793?- 1851): journalist and slavery abolitionist*. Oxford University Press 2004–9 pp.1-2

⁹ O livro pertence à biblioteca da Universidade de Oxford, foi digitalizado pelo programa Google, e encontra-se disponível online no “Internet Archives”.

¹⁰ MONTAGNER, M. A. *Trajelórias e Biografias: notas para uma análise bourdieusiana*. Sociologias (UFRGS), v. 17, 2007. pp. 251-253

¹¹ BOURDIEU, 1996 *apud* MONTAGNER, M. A. 2010, p. 255

¹² MONTAGNER, M. A. *Trajelórias e Biografias: notas para uma análise bourdieusiana*. Sociologias... p.253

¹³ REVEL, Jacques. *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*. Revista Brasileira de Educação, Vol. 15, No. 45. 2010. pp. 438-443

¹⁴ LEVI, Giovanni. *Sobra a micro-história*. In. BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP, 1992

Neste sentido, o que procuramos entender não é a “capacidade auto realizadora” de determinados movimentos, ou o significado total de algum acontecimento social específico, mas em que medida o estudo de trajetórias individuais nos informa sobre uma parte de um contexto histórico global¹⁵. E sob o mesmo ponto de vista, de que forma esta conjuntura histórica internacional influi nas condições sociais da trajetória de um indivíduo específico.

A contribuição de Sartre para a historiografia nos convida a pensar tanto o papel transformador do sujeito, quanto a capacidade das condições reais anteriores a este sujeito de transformá-lo e de transformar sua visão a respeito do universo social. Essa perspectiva analítica foi sintetizada no conceito que o autor chamou de “método progressivo-regressivo”¹⁶. Esta metodologia de análise pressupõe que, dentro de um “(...) contexto histórico específico, o sujeito está em meio a conflitos, contradições, negações, afirmações e superações, as quais estão impressas nas suas ações cotidianas, mediadas pela história que se dá num movimento dialético - o movimento singular/universal”¹⁷.

A fim de introduzir o leitor ao tema, no primeiro capítulo “Do contexto histórico internacional ao panorama político local” apresentamos inicialmente a conjuntura política e diplomática internacional da época, demonstrando brevemente como os conflitos internacionais influenciaram a política cubana, sobretudo, referente ao comércio de escravos que no início do século XIX estava em seu auge. Em seguida, destinamo-nos a explorar o livro escrito por Turnbull durante sua jornada, começando pela apresentação das autoridades britânicas e hispânicas presentes na capital cubana.

Em seguida no capítulo “Economia e Sociedade pelos olhos de David Turnbull” analisamos os aspectos sociais e econômicos de Cuba naqueles anos, abrangendo aspectos que vão desde a formação geológica da Ilha, passando pela disposição geográfica da população (incluindo o censo populacional feito em 1827), por um inventário dos produtos consumidos e fabricados na Ilha, chegando a um registro das taxas de importação e exportação que nos permite verificar a sua avaliação sobre o quadro econômico cubano, concomitante ao crescimento do número de escravos. Além disso, realizamos uma análise referente ao comércio de escravizados em Cuba, observando o aumento da população cativa em detrimento da população da população livre, e demonstrando as consequências da perpetuação escravidão na Ilha.

¹⁵ REVEL, Jacques. *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um...*p. 440

¹⁶ SARTRE, J. P. O método progressivo-regressivo. In. *Questão de Método* (1960). São Paulo: Abril Cultural, 1978

¹⁷ MAHEIRIE, Kátia; PRETTO, Zuleica. *O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular*. Rev. Dep. Psicol., UFF, Niterói, v. 19, n. 2, p. 455-462, Dec. 2007

Embora a escravidão significasse um investimento promissor aos grandes proprietários cubanos, aos olhos das autoridades hispânicas e britânicas, este sistema apresentava grandes adversidades, em vista disso, no terceiro capítulo “As consequências de uma atuação abolicionista” observamos a discussão internacional abolicionista e as propostas geradas para combater o comércio de cativos. É neste contexto que exploramos o retorno de David Turnbull a Cuba, pois diferente da expedição realizada em 1837, ao retornar em 1840, ele detém os conhecimentos e recursos necessários para pôr seu plano de combate à escravidão em prática. Muito deste estudo se concentrará em entender como as atividades militantes de David Turnbull repercutiram no cenário político e econômico local. Ao olhar atentamente para as consequências do retorno de Turnbull para Cuba podemos perceber algumas das hierarquias e lógicas sociais que operavam à época na referida geografia.

Desta forma, destinamo-nos neste trabalho a compreender *como se configurou a atuação de David Turnbull como militante abolicionista e agente da diplomacia britânica em Cuba, e quais os motivos que o envolveram neste processo histórico*. Para tanto, buscamos considerar como os senhores de escravos cubanos se relacionavam com intervenção britânica em território, sobretudo com as ações de Turnbull; como funcionava o comércio de escravos interno e externo; e quais os interesses britânicos em suprimir o tráfico transatlântico e a escravidão cubana.

CAPÍTULO 1 – DO CONTEXTO HISTÓRICO INTERNACIONAL AO PANORAMA POLÍTICO LOCAL

Em consequência da combinação entre o aumento na demanda internacional, o vácuo nas exportações criado pela Revolução do Haiti (1791-1804) e o estímulo à agricultura escravista cubana promovido pela Coroa espanhola, o início do século XIX revelaria o crescimento exponencial da produção de açúcar da ilha, inegavelmente paralela à importação de escravos que teria quintuplicado na virada do século, espalhados por mais de 120 engenhos.¹⁸ Esta estimulação espanhola da agricultura escravista cubana altamente capitalizada era o que assegurava o crescimento econômico da metrópole. Além disso, a garantia oferecida de perpetuação da escravidão na colônia estava diretamente vinculada ao esforço constante de reforçar o absolutismo espanhol em meio à tantas revoltas independentistas que surgiam nas Américas.¹⁹

Concomitantemente ao aumento do tráfico de africanos escravizados para Cuba, facilitado pela liberação comercial promovida pelo governo espanhol, começavam a ganhar fôlego na Grã-Bretanha forças antiescravistas. A primeira campanha ocorrida na Inglaterra contra o comércio de escravos ocorreu em 1787 a partir da formação da *the Society for Effecting the Abolition of the Slave Trade*²⁰, que teve uma ampla adesão popular. Após 20 anos de mobilizações e debates na sociedade civil e na esfera política, em 1807, o governo britânico apresentou um projeto de lei pela abolição total do comércio de escravos em territórios britânicos, apesar da forte oposição dos setores ainda vinculados ao escravismo colonial. No dia 25 de março de 1807, o parlamento britânico aprovou *An Act for the Abolition of the Slave Trade*:

Seja, portanto, promulgada pela mais excelente majestade real, por um conselho e consentimento dos lordes espirituais e temporais, e comuns, no presente Parlamento instituído, e pela autoridade do mesmo, que a partir do primeiro dia de maio de mil oitocentos e sete, o comércio africano de escravos, e toda e qualquer maneira de negociar e comercializar a compra, a venda, a permuta, ou a transferência de escravos, ou de pessoas destinadas a serem vendidas [...] em, para ou de qualquer parte da costa ou países da África, será, e o mesmo é completamente abolido, proibido e declarado ilegal.²¹

¹⁸ PIQUERAS ARENAS, José Antônio. *La vida política entre 1780 y 1878*. In: OROVIO, Consuelo. *Historia de Cuba*. Volume 1. CSIC, 2009. pp. 273-276

¹⁹ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010, pp.59-93

²⁰ BROWN, Christopher L. *Moral Capital: Foundations of British Abolitionism*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005

²¹ *An Act for the Abolition of the Slave Trade*. 47° Georgii III, Session 1, cap. XXXV. 25th March 1807. Disponível em: https://www.pdavis.nl/Legis_06.htm Acesso em: 08/10/2019. (tradução nossa)

Até a metade do século XX a perspectiva britânica sobre seu passado abolicionista fundamentava-se em uma análise humanitarista²². A principal corrente chamada de “escola imperial” ganhava forças em Oxford através do pensamento de Reginald Coupland. “Em todos seus trabalhos acadêmicos e políticos, Coupland enfatizava a capacidade moral do império britânico em moldar um ‘mundo melhor’ e ajudar os povos ‘atrasados’ a avançar em direção à liberdade”²³. Ao explorar os aspectos econômicos materializados no processo de abolição do tráfico transatlântico de africanos escravizados, Eric Williams desenvolveu uma importante contribuição a historiografia britânica. Em 1944, Williams publicou o livro “Capitalismo & Escravidão” que confrontava diretamente a ideologia imperial britânica alegando que as forças pró-abolicionistas britânicas eram movidas pelos fatores econômicos do recente capitalismo industrial²⁴. Desta forma Williams foi um dos primeiros historiadores a apresentar esta conexão entre Europa, África e América de uma forma orgânica, demonstrando que os impactos do capitalismo europeu incidiram diretamente no Novo e no Velho Mundo. Ademais, Williams foi um dos historiadores percussores da “História Atlântica”, uma recente perspectiva que buscava integrar o deslocamento de pessoas, mercadorias entre os séculos XV e XIX²⁵. Portanto, através destas múltiplas contribuições, podemos perceber que as motivações do Império Britânico para abolir a escravidão não estavam fundamentadas unicamente em uma concepção humanista de sociedade, mas ancoradas também, em um interesse econômico.

A transformação do trabalho escravo em trabalho assalariado fazia parte, tanto de um interesse de setores da sociedade civil inglesa que eram contra a exploração étnico-racial, assim como de setores que mais pragmáticos, que viam no fim da escravidão uma oportunidade de consolidar uma hegemonia comercial inglesa, com a exportação de bens de consumo para essa nova massa de trabalhadores que viria a surgir com a mudança no regime de produção de *commodities* e bens de consumo. Neste sentido, percebe-se que não há uma motivação exclusivamente dotada de uma influência iluminista e civilizadora, mas uma motivação comercial e geopolítica, que justamente somada a estes anseios da sociedade civil por uma mudança na organização da cadeia produtiva, conseguiram alavancar a luta abolicionista, e imprimi-la sobre os países dos quais detinham forte influência comercial e diplomática. Desta forma, a necessidade de estabelecer uma soberania internacional estava

²² MARQUESE, Rafael de Bivar. Capitalismo & escravidão e a historiografia sobre a escravidão nas Américas. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 26, 2012 p. 342

²³ *Ibidem*, p.342

²⁴ *Ibidem*, pp. 343-345

²⁵ *Ibidem*, pp. 349-350

vinculada principalmente a perda dos Estados Unidos enquanto colônia²⁶, o que levou o império britânico a buscar outras formas de fazer a manutenção de sua hegemonia internacional. O fim da escravidão para o Império Britânico, respondia, portanto, a lógicas orientadas por interesses distintos, que em consonância foram cruciais para o êxito da transformação econômica que se seguiria.

Por mais que o Ato de 1807 vigorasse apenas em território britânico, seu decreto inaugurou uma agenda antiescravista internacional, por parte de abolicionistas e, gradativamente, do próprio governo. O território cubano, com sua crescente expansão açucareira, era completamente dependente do comércio de escravos estrangeiros, e a própria Grã-Bretanha teria sido a principal responsável por fornecer escravos à ilha, mesmo que indiretamente. Em virtude deste Ato, os plantadores cubanos eram forçados a encontrar novos fornecedores, uma vez que apenas uma drástica proibição espanhola eliminaria o tráfico para Cuba²⁷.

O Ato de 1807 obteve maior impacto posteriormente às Guerras Napoleônicas, que provocaram algumas alterações no comércio de escravos em Cuba. A princípio, os conflitos napoleônicos não incidiam sobre o território cubano, pois até a conquista de Portugal por Napoleão Bonaparte em 1808, a França mostrava-se aliada da Espanha “Bonapartista”²⁸. No entanto, o imperador francês aspirava uma grandiosa supremacia. Assim, através da justificativa de que Coroa espanhola pouco respeitava o Bloqueio Continental, e aproveitando que muitos soldados bonapartistas se encontravam em território espanhol, Napoleão traiu sua aliança inicial e ordenou que as tropas francesas conquistassem as fortificações espanholas. As notícias do destronamento de Rei Carlos IV e a substituição por José Bonaparte – irmão de Napoleão – não tardaram a chegar em Cuba. No dia 17 de julho, as autoridades havanasas fizeram um juramento solene de preservar a ilha para seu soberano espanhol, declarando guerra contra Napoleão.

Os efeitos da guerra peninsular incidiam fortemente na colônia. Nos dois anos seguintes, a Espanha sofreu uma série de ataques até ter seu território limitado à Ilha de Leon em Cádiz²⁹, mesmo assim, os intrusos franceses não eram reconhecidos enquanto autoridade em Cuba. Contudo, com a pressão causada pelo Bloqueio Continental, o comércio exterior

²⁶ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba, 1790...*p. 73

²⁷ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade*. Cambridge University Press, 1980, p.26

²⁸ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2015, p.65

²⁹ *Ibidem*

cubano foi suprimido de tal forma que se tornava inviável depender somente da comercialização espanhola. Desse modo, as autoridades locais de Havana, o Consulado e o *Ayuntamiento*³⁰ começaram a liberar o comércio e admitir fornecimentos estrangeiros.³¹

Até 1807, os principais fornecedores de cativos para Cuba eram a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, que juntos forneceram cerca de 75% da população cativa³². Mas após o ato britânico e as invasões napoleônicas na Espanha e Portugal os cubanos acabaram entrando em uma grande crise de fornecimento. Os cubanos tinham duas opções: suprimir de fato o tráfico de escravos e não depender de fornecimentos externos, ou encarregarem-se de abastecer o próprio comércio interno. Assim, os plantadores começaram suas primeiras expedições para o suprimento de escravos diretamente da África, o que levou a criação de grandes empresas de tráfico de escravos em Cuba, somando mais de 22 centros comerciais na capital³³.

O conflito napoleônico findou com a subtração das tropas francesas após a derrota do imperador francês na Batalha de Waterloo³⁴. Na Espanha, o absolutismo foi restabelecido em 1814 com a ascensão de Fernando VII. Os oligarcas cubanos agradaram-se com o retorno do rei espanhol, isto porque a sua fidelidade a monarquia oferecia segurança quanto à perpetuação da escravidão, porém o mesmo não poderia ser afirmado a respeito de toda a América Hispânica, considerando que algumas colônias se envolveram em movimentos independentistas³⁵. No que se refere à relação entre Grã-Bretanha e Espanha, pode-se afirmar que as Guerras Napoleônicas sucederam positivamente para os interesses britânicos relativos à supressão do comércio de escravos, uma vez que a Espanha assinou um Tratado de Paz, Amizade e Aliança, dispondo-se a impedir a participação dos seus súditos na distribuição e comércio de escravos para outros países³⁶.

A Grã-Bretanha atuou para ampliar as restrições junto ao governo espanhol, chegando à assinatura do tratado de 23 de setembro 1817. Daquela data em diante, não seria “lícito a nenhum sujeito da Coroa Espanhola comprar escravos, ou continuar o tráfico de escravos em

³⁰ O consulado e o *Ayuntamiento* eram órgãos políticos de extrema importância na capital cubana, enquanto o primeiro encarregava-se de cuidar das relações entre o Estado e a população, o segundo era uma organização pública que administrava e governava as cidades.

³¹ PIQUERAS ARENAS, José Antônio. *La vida política entre 1780 y 1878...* pp. 279-281

³² PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba ...* p. 129

³³ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade.* pp. 78-79

³⁴ Para mais detalhes sobre a Batalha de Waterloo, ver mais em: MONDAINI, Marco. *Guerras Napoleônicas*. In: MAGNOLI, Demétrio. (org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2013

³⁵ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c. 1760-1871*. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História Social) Universidade de São Paulo, inglês, Estados Unidos, 2015, p.70

³⁶ *Ibidem*

nenhum lugar da costa da África ao norte do Equador”³⁷. Com o acordo, a Espanha comprometia-se a proibir o tráfico de escravos; permitir possíveis inspeções britânicas às embarcações e a captura em alto mar; criar dois Tribunais Mistos anglo-espanhóis, um em Serra Leoa e outro em Havana, dedicados a julgar as apreensões; dedicando-se, sobretudo, a pôr um fim no comércio de escravos até 1820³⁸.

Com constantes restrições ao tráfico negreiro, o império espanhol colocava em risco a fidelidade cubana. Ao retomar ao poder, Fernando VII reformulou o regime colonial aumentando a centralização do poder local em Cuba³⁹. Assim, em maio de 1825, instituiu um novo regime chamado de “regime das faculdades onímodas” na qual o rei outorgava ao Capitão-General de Cuba poderes onímodos, aumentando sua influência na política, economia, agricultura e jurisprudência, podendo “ampliar tanto sua ingerência sobre a gestão do controle social da população negra, livre e cativa, quanto o suporte à importação de novos africanos, sobretudo pela sua responsabilidade formal estabelecida no tratado de 1817, sobre a implementação das medidas de combate ao contrabando”⁴⁰. E este regime que contentava os escravistas hispanos-cubanos pela preservação da ordem colonial manteve-se até o final da Guerra dos Dez Anos (1878).

O primeiro Capitão-General cubano a deter deste privilégio foi Francisco Dionísio Vives Piñón⁴¹, que já no ano seguinte à promulgação, mostrou-se inclinado a colaborar com o tráfico ilegal. Em janeiro de 1826, após uma denúncia de contrabando de africanos em Cuba, comissários britânicos pressionavam o governador para a captura da tripulação e localização dos africanos⁴². O império espanhol então, emitiu uma Real Ordem a favor de africanos contrabandeados, oferecendo-lhes a possibilidade de denunciar sua atual condição e adquirir liberdade. No entanto, Francisco Dionísio Vives reportou a Madri que o tratado de 1817 não vigorava em terra firme, não cooperando em localizar os africanos contrabandeados.⁴³

O sucessor foi Mariano Ricafort Palacín y Abarca, que assumiu o cargo no dia 15 de maio de 1832⁴⁴. Após alguns meses da sua posse, era notável que o novo Capitão-General também não tinha intenção de suprimir o tráfico de escravos. Na primavera de 1832, o Conde de Alcudia – que naquele período era o Ministro das Relações Exteriores da Espanha –

³⁷ LUCENA SALMORAL, Manuel. *Leyes para esclavos: el ordenamento jurídico sobre la condición...* p. 1214

³⁸ PIQUERAS ARENAS, José Antônio. *La vida política entre 1780 y 1878*, p. 283

³⁹ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba...* p.145-149

⁴⁰ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba...* p. 222

⁴¹ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010, p.204/ Vide imagem de Francisco Dionísio Vives Piñón no anexo IV

⁴² *Ibidem*

⁴³ *Ibidem*, p. 205

⁴⁴ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba...* p. 222

sugeriu que o Capitão Ricafort assumisse a responsabilidade de responder às acusações britânicas a respeito da entrada de escravos na ilha, uma jogada com o propósito de retirar as pressões sobre o próprio Ministro⁴⁵. Mesmo que pressionado, Ricafort manifestou ser inviável impedir todo o desembarque ilegal de escravos devido ao extenso litoral cubano, acrescentando que os esforços das autoridades eram constantemente frustrados pela cobiça dos proprietários de plantações por obter mais escravos⁴⁶.

O ano seguinte, 1833, foi um ano notável para a política cubana e para o contexto abolicionista internacional. No dia 28 de Agosto, o Parlamento Britânico outorgou um novo ato para abolir a escravidão nas Antilhas Britânicas, no Canadá e na África Austral, com o longo título de *An Act for the Abolition of Slavery throughout the British Colonies; for promoting the Industry of the manumitted Slaves; and for compensating the Persons hitherto entitled to the Services of such Slaves*. O ato que entrou em vigor em 1º de Agosto de 1834, ia além do Ato de 1807, estabelecendo que todos os escravos menores de 6 anos seriam alforriados, e os com 6 ou mais, se tornariam trabalhadores aprendizes, tornando-se ilegal a partir da data comprar ou possuir uma pessoa⁴⁷. Mas o ano contava com mais turbulências políticas. No dia 29 de setembro de 1833, o Rei da Espanha, Fernando VII faleceu, assumindo o trono como regente a recém viúva Maria Cristina em nome da herdeira D. Isabel, que na época tinha somente três anos de idade. Na disputa do trono encontrava-se Carlos Bourbon, irmão do falecido rei, que tentou chegar ao poder levando a Espanha à primeira Guerra Carlista, uma guerra civil que perdurou até 1840, estreitando a margem de manobra da coroa espanhola que aceitou as cláusulas do ato dispostas pela Grã-Bretanha a fim de receber auxílio contra a oposição carlista⁴⁸.

Ao passo que a política espanhola batalhava em seu contexto local, em Cuba a morte de Fernando VII desencadeou um clima liberal. Havia em cuba um grupo de reformistas que havia trabalhado para criar uma “Comissão permanente de Literatura” e organizar um periódico dirigido por José Antônio Saco⁴⁹, apesar da oposição, conseguiram⁵⁰. A abertura do

⁴⁵ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade*. Cambridge University Press, 1980, p.97

⁴⁶ *Ibidem*

⁴⁷ *An Act for the Abolition of Slavery throughout the British Colonies; for promoting the Industry of the manumitted Slaves; and for compensating the Persons hitherto entitled to the Services of such Slaves*. 3º & 4º Gulielmi IV, cap. LXXIII. 28th August 1833. Disponível em: https://www.pdavis.nl/Legis_07.htm. Acesso em: 08/10/2019.

⁴⁸ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba...* p. 229

⁴⁹ José Antônio Saco, filho da elite crioula, nasceu na Vila de Bayamo em 1797. Aos 14 anos de idade ficou orfão herdando os bens de sua família; aos 21 foi chamado para lecionar no Seminário de San Carlos. Em Cuba, Saco foi representante dos antigos grupos de crioulos que foram afastado do poder local devido a expansão dos interesses açucareiros, alegando que o sistema escravista representava um atraso para o crescimento econômico

regime político também possibilitou, sobretudo, aos membros da comissão, a fundação da “Academia o Instituto Habanero de Literatura”⁵¹. No entanto, estes reformistas cubanos perderam para o grupo dos escravistas que com o aval de Ricafort eliminaram a nova Instituição e expulsaram José Saco de Cuba. Na Europa, Saco poderia publicar suas convicções à vontade, e a tom de represália divulgou as condições sociais cubanas, demonstrando através de censos populacionais o crescimento da população negra e mestiça em detrimento da população branca.⁵²

Ricafort se manteve apenas dois anos no cargo de Capitão-General. No dia 1º de junho de 1834, Don Miguel Tacón⁵³ assumiu o cargo Capitão-General. No ano seguinte, Tacón teria sido nomeado também para o cargo de Vice-Rei da Ilha, “reputado como liberal radical na Espanha, a indicação de Tacón para o comando da ilha parecia indicar o início de uma guinada na política delineada até então”⁵⁴. Mas, por mais que Tacón estivesse vinculado ao partido da rainha regente e declarado que iria cortar as regalias dos proprietários de terra, a trajetória do Capitão-General em cuba foi bem contraditória. Assim como os antecessores Tacón permitiu a perpetuação do comércio de escravos na ilha. Então, se os impostos das produções da ilha eram remetidos para o Capitão-General distribuí-los, por que ele iria suprimir um comércio que se era tão lucrativo? Tacón não iria.

Em 1835, foi firmado um novo tratado anglo-espanhol. Intitulado de *Tratado entre su Magestad la Reina de España y su Magestad el Rey del Reino Unido, de la Gran Bretaña e Irlanda, para la abolición del tráfico de esclavos concluido y firmado em Madrid em 28 de Junio de 1835*, esse documento ordenava que fossem transferidos todos os escravos emancipados pela Comissão Mista para as colônias britânicas⁵⁵. Enquanto isso em Cuba “os grandes proprietários e as autoridades coloniais demonstravam desconforto com a presença e a chegada constante de africanos resgatados do tráfico na Ilha. Eles temiam o impacto dos africanos emancipados sobre uma população escrava já vista como instável”⁵⁶. Portanto, no início de 1836, após um diálogo entre o *Foreign Office* e o *Colonial Office*, o governo

da Ilha. Ver mais em: BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis, p. 96; PARRON, Tâmis, p. 268; PIQUERAS ARENAS, José Antônio, pp.37-39 / Vide imagem de José Antônio Saco no anexo V

⁵⁰ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba...*p. 280

⁵¹ *Ibidem*, p.281

⁵² BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba...*pp.211-213

⁵³ Vide imagem de Miguel Tacón y Rosique no anexo VI

⁵⁴ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba...* p.223

⁵⁵ *Tratado entre su Magestad la Reina de España y su Magestad el Rey del Reino Unido, de la Gran Bretaña e Irlanda, para la abolición del tráfico de esclavos, concluido y firmado em Madrid em 28 de Junio de 1835*. Habana. Imprenta del Gobierno y Capitanía General por S. M. 1858.

⁵⁶ MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.178.*

britânico decidiu enviar uma pessoa a Havana para organizar essa transferência, e a primeira pessoa a ocupar o cargo de Superintendente dos Africanos Livres em Havana foi Richard Robert Madden⁵⁷.

No dia 16 de abril de 1838, Tacón foi destituído do seu cargo, quando Don Joaquin de Ezpeleta⁵⁸, que era Subinspetor Geral das Tropas, foi promovido ao cargo de Capitão-General⁵⁹. Neste mesmo ano David Turnbull desembarcou na ilha de Cuba, registrando em seu livro “*Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and the Slave Trade*” sua jornada pelas Grandes Antilhas.

1.1 INTRODUÇÃO ÀS AUTORIDADES BRITÂNICAS E HISPÂNICAS

Ao chegar em Havana, em 1838, David Turnbull foi recebido pelas autoridades britânicas já estabelecidas na capital cubana, “fui apresentado a todas as autoridades britânicas em Havana: o Sr. Kennedy, o juiz comissário de Vossa Majestade; e o Sr. Daltymple, o árbitro no tribunal de comissões mistas; Dr. Madden, o superintendente dos africanos livres; e o cônsul, Sr. Tolmé”⁶⁰.

Segundo Turnbull, o juiz comissário inglês da Comissão Mista, James Kennedy, “é um cavalheiro que será lembrado por muito tempo como o único membro que representa um círculo eleitoral inglês na *British House of Commons*”⁶¹. Com o retorno dos ministros liberais ao poder, após a breve administração dos *Tories*, aposentado do cargo de Secretário de Relações Exteriores, Kennedy teria requisitado uma alta nomeação diplomática. Após alguns meses de espera, foi-lhe concedido o cargo de juiz comissário, recebendo um escritório judicial em Havana, uma remuneração anual de 1.600 libras e um apartamento alugado às custas da Espanha.⁶²

Para julgar os casos enviados à Comissão Mista, além do James Kennedy, também havia um juiz comissário espanhol, Don Juan de Montalvo⁶³. Para Turnbull, a estrutura da comissão era extremamente problemática, uma vez que os juízes raramente concordavam com o julgamento tornando-se necessário a convocação de um árbitro para resolver o impasse⁶⁴. O árbitro inglês das comissões mistas, Sr. Dalrymple, teria sido promovido havia pouco tempo

⁵⁷ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade...* pp. 120-131

⁵⁸ Vide imagem de Don Joaquin de Ezpeleta no anexo VII

⁵⁹ TURNBULL, David. *Travels in the West: with Notices of Porto Rico and Slave Trade*. Londres: Longman, Orme, Brown, Green, and Longmans:1840. p. 553

⁶⁰ *Ibidem*, p.34

⁶¹ *Ibidem*, p. 34 (tradução nossa)

⁶² *Ibidem*, p. 35

⁶³ *Ibidem*, p. 279

⁶⁴ *Ibidem*, p. 40

para o posto. Entre todos os cargos oficiais britânicos em Havana, Dalrymple recebia um dos menores salários, aproximadamente 200 libras por ano e sem direito à moradia, considerando que uma casa em Havana custava em média 300 libras⁶⁵.

Cabe observar que além do árbitro inglês, a Comissão Mista de Havana, também contava com um árbitro espanhol, O' Farrel, ou seja, o mesmo conflito gerado entre os juízes também ocorria com os árbitros, uma vez que foi constatado que o árbitro espanhol adotava os pontos de vista do comissário espanhol, enquanto o árbitro inglês concordava com os princípios ingleses⁶⁶. Assim como era feito nas comissões do Rio de Janeiro, Suriname e Serra Leoa, para o julgamento ocorrer de forma “justa” a escolha do árbitro funciona quase como uma loteria na qual era sorteado quem iria arbitrar⁶⁷. Pelo visto, a condenação de escravos não dependia somente de fatos ou provas, mas também de sorte e parcialidade.

Mas entre todas as autoridades mencionadas, Turnbull teria desenvolvido maior afinidade com o Dr. Madden⁶⁸, não somente pela hospitalidade recebida em Havana, mas por sua assistência às investigações feitas durante sua jornada às profundezas das Índias Ocidentais.⁶⁹ Ainda convém ressaltar que, além de ambos lutarem pela causa abolicionista, o doutor Richard Robert Madden, ocupava o futuro cargo de David Turnbull, o de Superintendente dos Africanos Livres em Havana. Enquanto estivera em Havana, Madden não se limitou ao seu cargo institucional; elaborou um questionário endereçado a Domingo del Monte y Aponte, a respeito dos tráficos de escravos, investigando as ilegalidades presentes.⁷⁰

O outro cargo ocupado por David Turnbull no futuro, o de cônsul britânico em Havana, naquela circunstância pertencia a Charles David Tolmé:

O Sr. Tolmé, em sua capacidade consular, é um dos mais eficientes, inteligentes e corteses dos numerosos servos de Sua Majestade, com os quais eu tive a sorte de encontrar em qualquer parte do mundo. Infelizmente tanto para o serviço público, quanto para si mesmo, seu salário é tão limitado, não sendo superior a 300 libras por ano, que ele foi obrigado a se envolver nos negócios, como comerciante e como plantador, a fim de permitir que ele ocupasse a posição na sociedade que seu cargo requer.⁷¹

Tolmé havia sido nomeado em 1833 para o primeiro cargo de cônsul britânico em Havana. Todavia, ele enfrentou reclamações sobre seu envolvimento com os interesses do

⁶⁵ *Ibidem*, p. 34

⁶⁶ *Ibidem*, p. 40

⁶⁷ *Ibidem*, p. 41

⁶⁸ Vide imagem de Richard Robert Madden no anexo VIII

⁶⁹ *Ibidem*, p. 35

⁷⁰ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade...* pp. 120-131

⁷¹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave...* p.43. (tradução nossa)

comércio de escravos, uma vez que suas atividades como comerciante eram incompatíveis com a política externa britânica em relação a Cuba. Para Turnbull, seria “impossível para qualquer homem, ser teoricamente contrário à prática da escravidão, mas se tornar um comerciante ou plantador na Ilha de Cuba”⁷². Por sua vez, Tolmé criticava a política britânica por focar tanto na abolição do comércio de escravos ao ponto de prejudicar o próprio comércio britânico.

Para impedir que a influência moral britânica fosse mais prejudicada, em 1839, o *Foreign Office* recomendou que para ser cônsul em Havana “será preciso que a pessoa seja proibida de participar do comércio ou tráfico [de escravos]”⁷³. Em 1840, Tolmé foi dispensado do seu cargo por acusações relativas à sua participação no tráfico de escravos, e as provas que confirmavam seu envolvimento foram fornecidas pelo Sr. Kennedy, que embora tenha delatado o cônsul, o juiz inglês também era suspeito por perpetuar estas relações comerciais ilegais⁷⁴. Neste mesmo ano, Turnbull retornou à capital cubana disposto a investigar o envolvimento de James Kennedy e as demais ilegalidades observadas ao longo de sua jornada, trazendo consigo muita efervescência política.

Embora David Turnbull não portasse cartas de recomendação especiais, o seu acesso às autoridades espanholas estava longe de ser difícil. Logo após conhecer as autoridades britânicas, o cônsul Charles Tolmé o apresentou ao Capitão-General Ezpeleta, “na minha primeira audiência, eu fui capaz de fazer sua Excelência rir de um pequeno incidente que me aconteceu há alguns anos em Saragoça, onde seu irmão mais velho, o Conde de Ezpeleta, também realizou o cargo de Capitão-General.”⁷⁵

Turnbull contou a Ezpeleta que, algumas semanas após a morte do Fernando VII, decidiu fazer uma viagem pelo território espanhol. Porém, a turbulência do período em questão causada pelas Guerras Carlistas oferecia perigos para sua expedição. Assim, ele se encontrou com lorde Granville, o embaixador britânico em Paris, que recomendou a ele que despachasse sua mala com seu dinheiro e seus pertences, e que atravessasse a fronteira somente com roupas e dinheiro necessário para chegar em Madri. Ao iniciar a jornada, Turnbull teria escutado que um mensageiro do rei havia sido roubado na fronteira com diversos pertences reais, para evitar que ladrões roubassem sua mala, ele decidiu mudar o trajeto do despacho. Ao pagar um preço maior por um trajeto mais longo de sua mala,

⁷² *Ibidem*, p.43

⁷³ Unsigned memorandum, 29 July 1839, F.O. 84/274 *apud* MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade*. Cambridge University Press, 1980, p. 140. (tradução nossa)

⁷⁴ CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race, abolition and the Escalera*. Publicado em “Slavery and Abolition”, 25:1.2004, p. 75

⁷⁵ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave...* p. 35 (tradução nossa)

Turnbull chegou em Saragoça sem roupas e sem dinheiro necessário para continuar sua jornada. Então, ele se encontrou com um banqueiro francês que deveria prestar-lhe assistência mediante sua carta de recomendação. No entanto, devido à conjuntura confusa do país, a maioria das transições comerciais estavam interrompidas, logo, o banqueiro se recusou. Nesse estado embaraçoso, Turnbull foi atrás da mais alta autoridade local de Saragoça, no caso o Conde de Ezpeleta. Na ocasião do encontro entre os dois, o conde lhe disse que: “os despachos dos quais eu era portador eram provavelmente de tanta importância para o governo de sua amante real quanto para aquele do meu próprio soberano, e que, portanto, pode ser seu dever me ajudar no meu caminho”⁷⁶, mencionando, sobretudo, sua conversa com o banqueiro. Furioso, o conde exigiu a presença do banqueiro francês, desejando saber como ele se recusara a fornecer subsídios a um pobre rapaz que trouxera cartas oficiais de recomendação. O banqueiro, coagido, entregou a quantia exigida por Turnbull para que ele continuasse sua jornada.⁷⁷

Possivelmente, essa aventura provocou muitas risadas entre Turnbull e o Capitão-General Ezpeleta, que devem ter se divertido com o constrangimento causado pelo irmão ao banqueiro francês. Podemos observar através desta anedota que David Turnbull possuía grande facilidade para converter determinadas situações em seu proveito. Em virtude de sua atividade profissional de jornalista, e da origem abastada de sua família, Turnbull tinha considerável facilidade para acessar as autoridades de diferentes instâncias e localidades.

Apesar de demonstrar simpatia ao escrever sobre o governador Ezpeleta, o ponto de vista de Turnbull a respeito dele se mostrava dividido, por mais que ele “tivesse uma disposição muito branda e gentil para se adequar ao comando supremo de uma colônia”⁷⁸, seu governo permite a perpetuação comércio de escravos em Cuba “que se encontra em estado de barbárie das mais selvagens.”⁷⁹. Podendo-se observar ainda que Turnbull debocha do Capitão-General ao citar as zombarias feitas a ele:

O General Tacon,
vale um *doblon*.⁸⁰
O general Ezpeleta,
Não vale uma *paseta*.⁸¹

⁷⁶ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave...* p. 37 (tradução nossa)

⁷⁷ *Ibidem*, pp. 35-38

⁷⁸ *Ibidem*. p. 35 (tradução nossa)

⁷⁹ *Ibidem*. p. 35 (tradução nossa)

⁸⁰ Doblon e paseta eram unidades monetárias, das quais uma paseta valia menos do que um peso, enquanto um doblon valia um pouco mais.

⁸¹ *Ibidem*, p. 35 (tradução nossa)

Mas essa contradição da visão de Turnbull é perceptível a respeito de outras autoridades, principalmente aquelas não afeitas à causa abolicionista. O mesmo se verifica com relação ao Capitão-General anterior: Don Miguel Tacón, cuja administração foi a mais elogiada e também a mais criticada entre todos seus antecessores. “O vigoroso sistema policial que ele criou e as obras públicas que ele promoveu são os principais assuntos de louvor; a extrema tirania de seu governo em relação à parte crioula da comunidade é a grande fonte de queixas.”⁸². Isso porque durante as administrações anteriores, principalmente durante o governo de Ricafort, seu antecessor, o histórico de assaltos e roubos em Havana estava cada vez maior, e Tacón investiu em uma ampla prisão, contratou grandes quantidades de policiais, e extraditou ao menos 200 indivíduos da ilha sem qualquer forma de julgamento.⁸³ No mesmo ano que ele assumiu o governo, publicou um manifesto vangloriando-se pelas melhorias na segurança pública:

A tranquilidade pública a boa ordem e a segurança individual (...) foram consolidadas de uma maneira que expressa admiração. A polícia armada que trabalha nas estradas e nas cidades da ilha não encontram mais ladrões para prender (...). Nossos campos e aldeias, que anteriormente eram palcos de tudo que é tipo de crimes, especialmente de assaltos e assassinatos, agora são agradáveis moradas da tranquilidade e da paz.⁸⁴

De acordo com David Turnbull, Miguel Tacón de fato melhorou a qualidade de vida cubana através dos investimentos na segurança pública, principalmente porque estes investimentos estimularam o fluxo migratório de estrangeiros para a ilha, o que conseqüentemente, aumentou a riqueza pública cubana através da grandiosa força de trabalho assalariado da população branca imigrante⁸⁵. No entanto, não podia deixar de lembrar da população negra, majoritariamente escravizada, que durante seu governo sofreu devido ao aumento do comércio de escravos.

Sem dificuldades, Turnbull também conheceu as demais autoridades espanholas: o conde de Villanueva, o conde de Fernandina e o Don Juan de Montalvo y O’Farrel; os dois últimos, o juiz comissário de Sua Majestade Católica e o árbitro da comissão mista, respectivamente, seriam extremamente receptivos e apazíveis: “dizem que os nobres do mais alto escalão, que quase nunca deixaram a ilha, aceitaram os onerosos trabalhos que mantêm na comissão mista, que executam gratuitamente, a fim de evitar a necessidade que de outra

⁸² TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave...* p. 54 (tradução nossa)

⁸³ *Ibidem*, p.54

⁸⁴ TACÓN, 1835, *apud* TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; ...* p.168 (tradução nossa)

⁸⁵ *Ibidem*, p.169

forma lhes seria imposta de comparecer na Corte nestes tempos difíceis.”⁸⁶. O conde de Villanueva, o intendente-geral da ilha, era uma pessoa com um grande grau de influência e poder inferior somente ao vice-rei. Ele detinha uma fortuna tão grande que dificilmente era dissociada da corrupção e do tráfico de escravos. No entanto, sua relação era fundamental para Turnbull uma vez que o intendente proporcionou um amplo acesso aos arquivos públicos e outras fontes de informação oficiais, que geralmente não eram reveladas aos estranhos.⁸⁷

Embora Turnbull tenha se mostrado inicialmente simpático e aprazível com as autoridades britânicas e espanholas presentes na Ilha de Cuba, ao longo de sua narrativa no livro *Travels in the west* e das seções a seguir é que podemos compreender como estas relações estabelecidas faziam parte de um plano maior. A turbulenta presença de Turnbull em Cuba não representava somente seus interesses próprios de militância, como também a grandiosa força britânica abolicionista que insistia na supressão do comércio escravos cubanos. Portanto, a Grã-Bretanha estava disposta a usar de sua supremacia, força e autoridade para eliminar este sistema, e o indivíduo escolhido para representar tal ato em Cuba foi o astuto David Turnbull.

⁸⁶ *Ibidem*, p.280

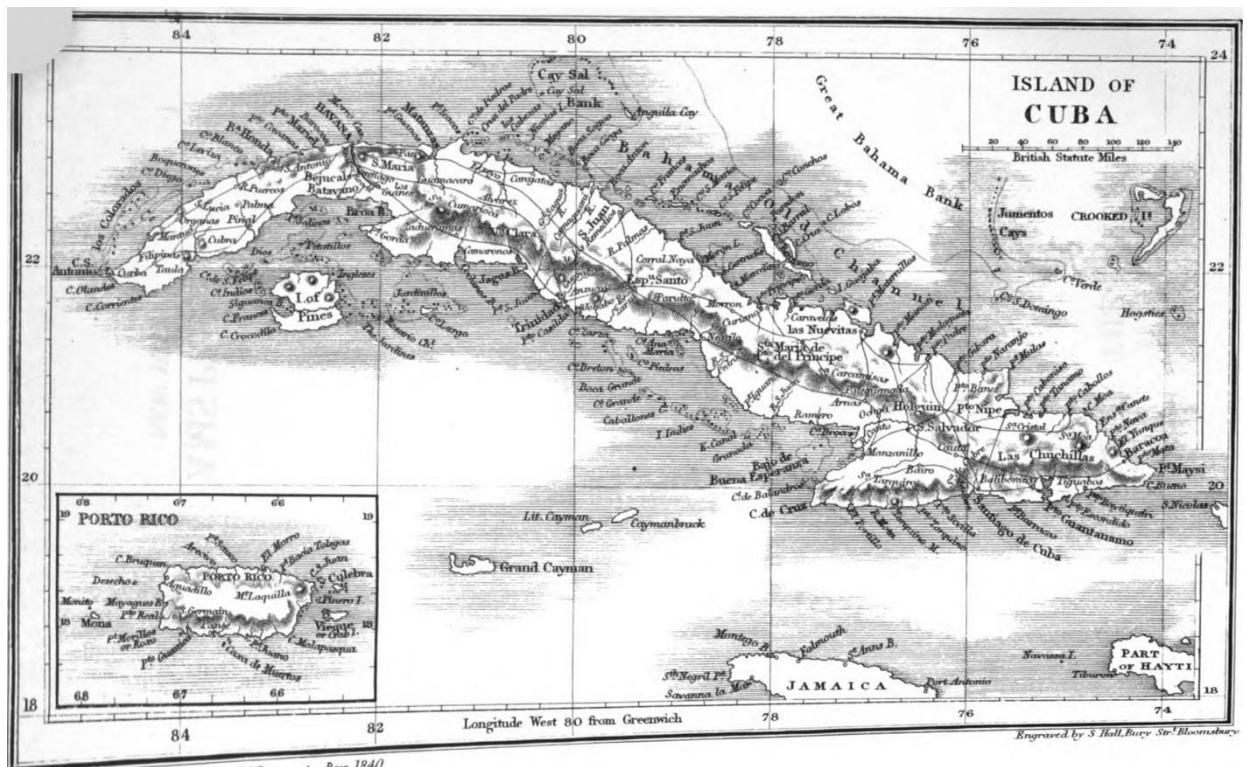
⁸⁷ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave Trade...* p.39-41

CAPÍTULO 2 – ECONOMIA E SOCIEDADE PELOS OLHOS DE DAVID TURNBULL

2.1 CUBA: MAPEAMENTO AMBIENTAL, DEMOGRÁFICO E ESTATÍSTICO

A Ilha de Cuba está situada entre os 64° e os 85° de longitude a oeste de Greenwich, e a 19° e 23° de latitude norte; ou, para acompanhar as observações mais minuciosas dos geógrafos espanhóis, sua longitude se estende de 67°46'45" à 78°39'15" a oeste de Cádiz, que, sendo convertida no modo de calcular estabelecido na própria ilha, usando o forte do Moro em Havana o primeiro meridiano, sendo esse ponto 76° 4' 34" a oeste de Cádiz, dá a extensão longitudinal 9° 17'49" a leste, e 2° 34'41" oeste, do primeiro meridiano insular, sendo o ponto oriental o de Mayzi, e o ocidental o cabo de San Antonio. A latitude se estender de 19° 48' 30" à 23°12'45" norte; os pontos mais destacados são Punta de Hicas ao norte, e Puntal del Ingles ao sul, que tem treze horas e trinta minutos como a duração média do dia mais longo.⁸⁸

Figura 1 – Ilha de Cuba



Fonte: TURNBULL (1840, p.6)

De acordo com David Turnbull, embora extensão territorial de Cuba constituísse 32,807 m², a ilha contava com algumas desvantagens geológicas, pois seu formato seria extremamente irregular, compreendendo uma cordilheira montanhosa que a dividia em duas seções desiguais por toda sua extensão longitudinal, restringindo o curso de rios e lagos que já eram limitados. Por este motivo, as estações mais chuvosas eram de grande importância,

⁸⁸ *Ibidem*, p. 239

tornando os rios mais abundantes e formando amplas lagoas salgadas, o que permitia a produção de sal e maiores atividades da pescaria⁸⁹. Além disso, o solo vegetal encontrava-se, quase em sua totalidade, sob uma grande rocha calcária de característica porosa e desigual, principalmente na parte norte da ilha. A exceção encontrava-se próxima às descidas da cordilheira central, sendo marcada somente por ondulações suaves, proporcionando um solo da mais rica qualidade.⁹⁰

Turnbull repassa o início da história colonial da ilha, destacando o início marcado pela busca do ouro e da prata. Mas, observa que a quantidade encontrada nunca teria sido suficiente para compensar os trabalhos da prospecção⁹¹. Por outro lado, a ilha se mostrava amplamente generosa com a abundância do ferro e carvão, pouco explorados pelos espanhóis. A recente descoberta do carvão a algumas milhas de Havana prometia prosperidade à ilha, principalmente aos plantadores de açúcar, que dificilmente conseguiam se abastecer com os restos da cana-de-açúcar para combustível, tendo que contratar pessoas para o corte de madeira (ou adquirir mais escravos para este serviço) ou, o que era mais viável, comprar lenha ou carvão importado da Inglaterra a um alto preço. Desta forma, o investimento da extração do carvão não só permitiria a subsistência, como também geraria capital principalmente por estar localizada em uma cidade com constante desenvolvimento urbano e com aumento do uso de barcos à vapor e locomotivas⁹².

Mas, apesar da formação geológica supostamente desvantajosa, a ilha estaria muito bem posicionada geograficamente em se tratando das relações comerciais atlânticas. Por ter mais de 600 milhas de comprimento, eram raros os locais com mais de 50 milhas de distância do mar. Desta forma, suas produções agrícolas e minerais nunca ficavam muito distantes de um local de embarque. A cidade de maior atividade econômica da ilha, Havana, era naturalmente beneficiada em sua posição geográfica, localizando-se próximo ao Golfo de México, concorrendo somente nessa relação comercial somente com Nova Orleans, que felizmente não tinha condições de competir com os havaneses, que já haviam estabelecido antigas conexões e partilhavam de linguagem e hábitos comuns, sendo prioridade aos compradores mexicanos⁹³.

Turnbull identificava uma forte distinção de classes na sociedade cubana: ao topo da pirâmide encontravam as autoridades espanholas juntamente com os grandes proprietários de

⁸⁹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave Trade ...* pp. 241-242

⁹⁰ *Ibidem*, p. 243

⁹¹ *Ibidem*, p. 252

⁹² *Ibidem*, pp. 175-184

⁹³ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico and Slave Trade...* pp. 134-135

terras cubanos; em seguida estavam os funcionários públicos ou funcionários de escritório, letrados e com um ótimo pagamento, que somavam mil só em Havana; no mesmo nível destes funcionários estavam os oficiais do exército e da marinha; em terceiro lugar estavam os comerciantes espanhóis ou crioulos; depois deles os funcionários franceses, britânicos, norte-americanos ou alemães; após estes, os lojistas das Canárias, Catalunha ou Biscaia; no lugar mais baixo da escala social, entre a população livre, encontravam-se os trabalhadores irlandeses⁹⁴.

O viajante observou que a ilha de Cuba era segmentada e classificada em várias jurisdições distintas: civil, judicial, eclesiástica e militar. A principal delas, a jurisdição civil, consistia era dividida entre San Cristobal de la Habana e Santiago de Cuba, cada uma contendo dois governadores distintos. Porém, havia um único chefe militar supremo da ilha, o Capitão-General. As outras províncias mais conhecidas no interior daquelas grandes jurisdições eram: *Matanzas, Trinidad de Cuba, Puerto Príncipe e Cienfuegos, Bayamo, Jiguani, Holguín e Baracoa, La Nueva Filipena e Santiago de las Vegas*⁹⁵.

Além destas jurisdições, Turnbull pontua que a Ilha de Cuba era dividida em 3 departamentos: o ocidental, o central e o oriental. Conforme exposto no livro, o departamento ocidental era o menor território entre os três que abrangia desde *Cape Antonio* até fronteira leste de *Trinidad*, todavia, era o departamento de maior população, envolvendo 408.537 habitantes, dos quais mais da metade eram escravos; o departamento central envolvia os distritos de *Trinidad, Fernandina de Jagua, Puerto Principe e Yaguaramas* contendo 12.781mi² com uma população de 164.497 pessoas, sendo 1/3 de cativos; já o oriental com 11.048m² correspondia do departamento central aos limites do governo de *Santiago de Cuba* contendo a menor população de 131.543 habitantes⁹⁶.

Sobre os nomes das cidades, David Turnbull debocha constantemente: “Os nomes que os espanhóis dão às suas cidades são tão extravagantes quantos aqueles que eles concedem as suas crianças. A capital de Cuba, sempre que é dita em solenidade, como nos endereços ao trono ou em documentos oficiais formais chama-se *La Siempre Fidelisima Ciudad de San Cristobal de la Havana*”⁹⁷.

2.1.1 La Siempre Fidelisima Ciudad de San Cristobal de la Havana

⁹⁴ *Ibidem*, pp.49-50

⁹⁵ *Ibidem*, pp. 244-245

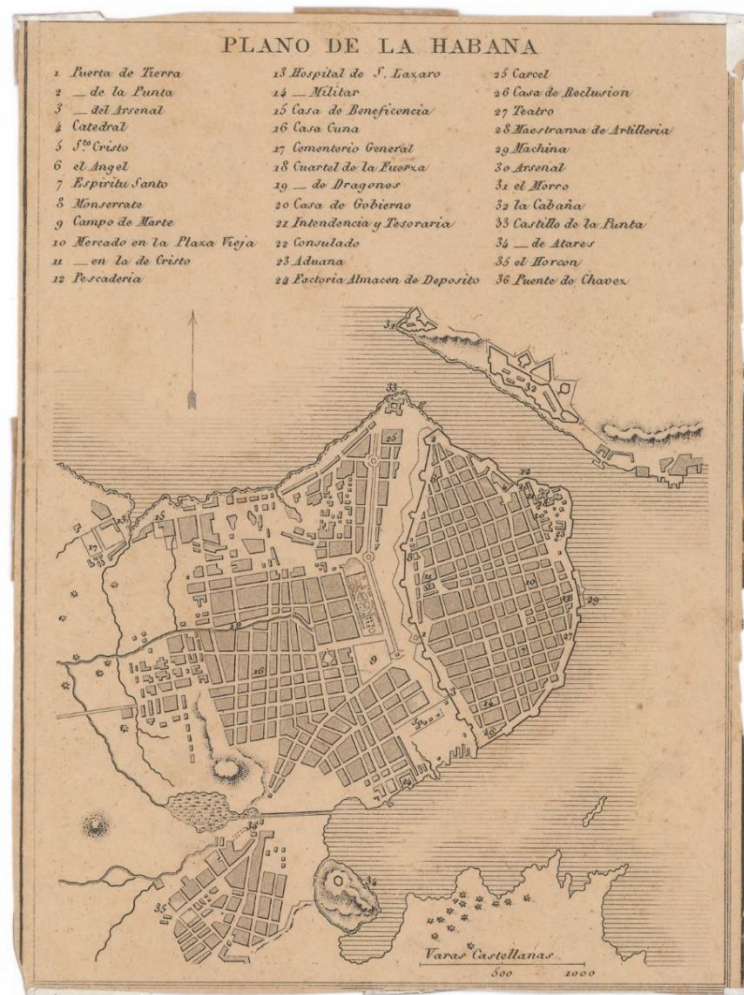
⁹⁶ *Ibidem*, pp. 232-234

⁹⁷ *Ibidem*, p. 198 (tradução nossa)

No momento da minha primeira entrada no porto, na Grande Antilla, era uma noite de lua cheia, com uma brisa de cinco nós, apenas o suficiente para nos permitir passar pelo [forte] Moro; e quando passamos sob as lanternas do farol, pareceu-me que eu poderia ter jogado um biscoito ou uma laranja na base.⁹⁸

Embora David Turnbull narre sua entrada em Havana de forma tranquila, entrar em Havana no século XIX era considerado uma tarefa árdua, demandava habilidades com navegações e experiências com os portos. Segundo Turnbull⁹⁹, era necessário, calcular o ângulo de entrada e ou de saída e relacioná-lo com a direção e intensidade do vento. Aos invasores havia complexidade considerável por ser uma cidade extraordinariamente fortificada. Como observamos na imagem a abaixo, Havana era defendida por seis fortes: *Moro, Cabanãs, Numero 4, Atares, Principe e Punta*:

Figura 2 – Plano de La Habana



Fonte: Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya (1850)

⁹⁸ *Ibidem*, p.203. (tradução nossa)

⁹⁹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico* p. 202

Conforme o autor, os fortes *Moro* e *Punta* (localizados nos pontos 31 e 33, respectivamente, no mapa) protegiam a entrada da cidade “(...) Entre *Moro* e *Punta* tem aproximadamente 1.500 jardas de comprimento e 350 de largura, e próprio porto é conhecido como o mais seguro, melhor defendido e mais amplo do mundo.”¹⁰⁰; o forte *Cabañas* (32) era semelhante a uma cidadela. Contava com um cais e estaleiros de navios. Sua ampla extensão permitia a instalação de embarcações de diferentes classes, possibilitando a frequência de traficantes de escravos, que geralmente se estabeleciam em *Casa Blanca*. Os demais fortes, *Numero 4*, *Atares* e *Principe* estavam posicionados para proteger território.

De acordo com os dados coletados por Turnbull, o censo de 1827 registrava 112.023 habitantes na cidade de Havana¹⁰¹. Destes indivíduos, 46.621 eram brancos; 15.347 eram negros livres; 8.215 eram mulatos livres; 22.830 escravos negros; e 1.010 escravos mulatos¹⁰². Ao todo, Havana compreendia 867 casas dentro dos muros, todas construídas em pedra; “os subúrbios ou *barrios extra muros* ocupam muito mais o território e contém uma população muito maior que na cidade em si”¹⁰³, contando com 7.968 casas de materiais variados.¹⁰⁴

Além da Catedral, contendo os vestígios da descoberta do Novo Mundo, a cidade contém nove igrejas paroquiais; seis outras igrejas, conectadas à hospitais e serviços militares; cinco capelas ou eremitérios; a *Casa Cuna*, um hospital fundador; e onze conventos, quatro para mulheres e sete para homens; alguns dos quais durante a administração do Capitão-General Tacón foram utilizados como quartéis e outros fins. Os outros estabelecimentos públicos são a Universidade, as Faculdades de São Carlos e São Francisco de Sales, o Jardim Botânico, o Museu Anatômico e as salas de aula, a Academia de Pintura e Design, uma Escola de Navegação, e setenta e oito escolas comuns para ambos sexos. Estes locais de educação estão todos sob proteção da *Patriotic Society*, e das autoridades municipais. As instituições de caridade consistem na Casa de Beneficência para ambos sexos, a penitenciária ou o asilo Magdalen e sete hospitais, um deles com asilo lunático. Têm, além de tudo isso, três teatros, um anfiteatro para touradas, ou praça de touros, vários passeios públicos, como a Alameda e o *Paseo Nuevo*.¹⁰⁵

Sobre sua visita à Real Casa de Beneficência (15), Turnbull relata que havia cinco setores distintos: uma escola para garotas, uma escola para garotos, um asilo ‘lunático’ feminino, um asilo ‘lunático’ masculino e um hospital para o acolhimento de idosos. Na instituição estudavam 113 garotas e 65 garotos; na parte dos asilos ‘lunáticos’, moravam 83 mulheres e 102 homens, sendo que 15 pessoas eram prisioneiros; no hospital residiam 25 idosos; para a administração do local, haviam 12 empregados e 10 escravos, e o governo

¹⁰⁰ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico...* p. 199

¹⁰¹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p. 205

¹⁰² *Ibidem*, pp. 205-206

¹⁰³ *Ibidem*, p.199 (tradução nossa)

¹⁰⁴ *Ibidem*, pp. 205- 207

¹⁰⁵ *Ibidem*, p.205 (tradução nossa)

fornecia mais 15 emancipados para contribuição; no total, instituição contava com mais de 400 pessoas¹⁰⁶.

Efetivamente, a primeira instituição de ensino de Havana, o Colégio *San José*, fora fundado em 1724 pelos Jesuítas, que através dos preceitos religiosos, ensinavam a fazer contas, e ler e escrever em Latim, concedendo formações para os cargos de professores em teologia, gramática e filosofia¹⁰⁷. Em 1792, no governo de Luis de Las Casas, foram fundadas instituições propriamente cubanas. A primeira delas a *Sociedad Económica de La Habana*, inspirada nas instituições peninsulares, buscava ensinar aplicações práticas das ciências, logo, suas instruções eram voltadas para agricultura, ciências e artes, comércio e indústria popular¹⁰⁸. No ano seguinte, dois membros da sociedade, o médico Tomás Romay e o sacerdote José Agustín Caballero, instruíram a educação universitária acrescentando o estudo da gramática espanhola¹⁰⁹. Em 1794, foi fundada a Real Casa de Beneficência, uma instituição oferecia educação e “saúde” fundamentada nos preceitos religiosos, oferecia ensino para crianças e jovens instruindo-os com ensinamentos “uteis” para o cotidiano¹¹⁰:

Lá, as garotas poderiam permanecer até os dez anos de idade. Com um custo de quinze dólares por mês, elas aprendiam a bordar, cozinhar, limpar e outras instruções que a qualificassem para serem empregadas domésticas, cozinheiras ou lavadeiras; se a garota adquirisse uma propriedade por herança ou fosse capaz de melhorar sua condição por meio de um casamento ou outro modo, ela seria obrigada a deixar a casa. Já os garotos aprendiam tarefas usuais das escolas primárias, como ler, escrever e fazer contas, aqueles que se destacassem seriam admitidos em classes selecionadas, onde seriam contemplados com uma educação de melhor qualidade com expectativas de um futuro promissor; os demais estudantes, a grande maioria, eram instruídos à tarefas como de alfaiates ou sapateiros¹¹¹.

Uma outra instituição fundamental naquele período era a *Real Casa Hospital de San Lazaro* (13), também conhecida como “Hospital dos incuráveis”, que atendia principalmente os pacientes com lepra. Segundo Turnbull, a hanseníase era conhecida nas Índias Ocidentais Britânicas pelo nome de *yaws*, sinônimo africano do termo técnico framboesia, uma vez que se acreditava que teria sido importada juntamente com os africanos da costa da Guiné e se propagado através do comércio de escravos.¹¹²

¹⁰⁶*Ibidem*, pp. 208-209

¹⁰⁷ PIQUERAS ARENAS, José Antônio. *La vida política entre 1780 y 1878*. In. OROVIO... pp. 269-271

¹⁰⁸ *Ibidem*

¹⁰⁹ *Ibidem*

¹¹⁰ *Ibidem*

¹¹¹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p.208-211

¹¹² *Ibidem*, p. 215-216 (tradução nossa)

No mesmo censo realizado em 1827, foram contabilizadas mais de 2.650 carruagens particulares¹¹³, o que demonstrava grande urbanização na capital. Ademais, estava sendo construída a primeira linha ferroviária das Índias Ocidentais, que conectava Havana aos distritos açucareiros mais importantes que “são Almendares, Bejucal, San Felipe e Helena. Antes da minha partida final de Havana, a estrada estava concluída”¹¹⁴. Para a construção da ferrovia, estiveram presentes diversas nacionalidades, empréstimos da Grã-Bretanha, engenheiros dos Estados Unidos e trabalhadores das Ilhas Canárias e da Irlanda, considerando que, a maior parte da mão de obra registrada, era composta por prisioneiros e negros emancipados “em uma condição muito pior do que os escravos comuns, transformando, como foi mostrado, a própria palavra ‘Emancipado’, um termo de censura e um palavreado entre os mais baixos da população negra”¹¹⁵, e o uso desta mão de obra gerou grande repercussão:

Eu tenho motivos para acreditar que nosso cônsul, Sr. Tolmé, fez tudo ao seu alcance para obter justiça por eles nas mãos do governo local; mas o único resultado de sua interferência foi obter do capitão-general Tacon, uma oferta para recebê-los na prisão dos Cabanos, um estabelecimento mencionado em outro lugar, ligado ao forte do Moro, às margens da baía de a Havana, quase em frente à cidade; mas, embora seus sofrimentos devam ter sido extremos, nem um único indivíduo aceitou a oferta, preferindo, sem exceção, o recurso precário da ajuda eleemosinária. O mal se tornou tão grande, e durou tanto, que o cônsul britânico em Nova York, Sr. Buchanan, por sugestão, sem dúvida, de seu colega Sr. Tolmé, encontrou meios de alertar seus compatriotas dos grandes perigos aos quais eles expor-se, envolvendo-se em uma empresa conduzida com princípios iníquos e de sangue frio.

Quando finalizada, o preço de uma viagem na ferrovia era maior do que na Europa ou nos Estados Unidos. Contudo, foram estabelecidas quatro diferentes taxas para atender todas as classes de clientes: os passageiros dos vagões da primeira classe pagavam em média seis libras por milha; da segunda classe pagavam quatro libras; da terceira classe três libras; e da quarta, duas libras. A tarifa do frete também era proporcional e custosa, podendo aumentar o triplo do preço normal dependendo da segurança do produto, em média: para uma caixa de açúcar que pesasse de 3 a 4 quilos seria cobrado cinco xelins esterlinos; para um saco de café de 200 libras seria cobrado dois xelins; para um barril de farinha, três xelins; seguindo para os outros artigos uma proporção semelhante.¹¹⁶

Localizada próxima ao Forte de *Punta* encontrava-se a mais notável obra construída por Tacón: a prisão (25). Admirada por Turnbull, pela população e pelo próprio Tacón, ela teria sido uma das obras mais gloriosas de Havana naquele período por promover a segurança na cidade. Na data de sua visita, em 1839, continha cerca de mil prisioneiros, que além de

¹¹³ *Ibidem*, p. 2065

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 187(tradução nossa)

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 190 (tradução nossa)

¹¹⁶ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p.194

serem divididos por sexos, também poderiam ser divididos por cores, uma vez que a prisão contava com estruturas suficientes para tais segregações. As chamadas *Las Solas de Distincion* eram salas das quais os prisioneiros brancos, sejam condenados, devedores ou acusados, deveriam pagar uma pequena taxa diária pelo “privilégio” de não serem trancados juntamente com os negros.¹¹⁷

Próximo à prisão situava-se a segunda obra pública construída durante a administração de Tacón: *Paseo Tacón*¹¹⁸, um caminho que servia para conectar o palácio suburbano do Capitão-General à cidade. Conforme Turnbull relata, o *Paseo Tacón* foi uma das obras “taconezas” mais elogiadas, pois além de ser um ornamento para a cidade e símbolo de modernização, era funcional aos habitantes que podiam se dar ao luxo de andar de carruagem, “mas evidentemente não foi projetado para a conveniência do humilde pedestre, que, pela ausência de trilhas ou outros meios de proteção, corre o risco de ser esmagado até a morte entre um motorista furioso e um muro”¹¹⁹ Como era usual, a obra servia em benefício somente de poucos privilegiados, enquanto os demais habitantes tiveram seus interesses negligenciados e foram dificultados ao acessar suas moradias.

Ao final do *paseo*, encontravam-se dois depósitos extensos para a recepção e venda de africanos recém importados, conhecidos como *barracones*. Cada depósito abrigava mais de mil africanos e naturalmente funcionava tanto para o mercado quanto para uma prisão. A maioria dos indivíduos comercializados nos depósitos tinham entre 12 e 18 anos, em uma proporção de 3 vezes mais homens do que mulheres - assim como nas demais propriedades da ilha havia uma demanda maior por homens - considerando que o baixo preço de um africano tornava-se mais “vantajoso” investir no mercado de escravos do que na procriação¹²⁰.

Segundo Turnbull, nos depósitos “você não encontra tanta miséria imediata quanto um visitante irrefletido poderia esperar. É política do importador restaurar o quanto antes, entre os sobreviventes, a força que foi desperdiçada e a saúde que foi perdida durante os horrores no meio da passagem”¹²¹. Assim, cabia ao comerciante fornecer aos africanos alimentos, vestuários e condições de descanso para que eles se tornassem comercializáveis o mais cedo possível, atingindo seu valor máximo de venda. Além disso, por ser uma grande fonte de economia na ilha, havia um esforço por parte dos governantes de maquiagem a ideia de sequestro e todos horrores vinculados à escravidão. Desta forma, se um visitante tivesse contato

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 55-56

¹¹⁸ Provavelmente o *Paseo Tacón* é representado na figura 2, como o traçado longitudinal que vai do número 25 ao número 9.

¹¹⁹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p. 58 (tradução nossa)

¹²⁰ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico* pp.59-62

¹²¹ *Ibidem*, p. 60 (tradução nossa)

somente com os africanos que permaneciam nos depósitos teria uma ideia de um sistema bem organizado e respeitável¹²².

2.2 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA A PARTIR DE LEVANTAMENTOS ESTATÍSTICOS

As informações apresentadas nas tabelas seguintes (1 e 2) foram registradas por David Turnbull com dados produzidos pelo governo colonial em 1838, referindo-se aos dados coletados da Balança Comercial do ano anterior, demonstrando significativas informações a respeito da prosperidade agrícola e das relações comerciais cubanas através dos dados de exportação e importação de mercadorias:

Tabela 1 – Exportações

Tipo de Mercadoria	Produtos	Quantidade	Valor
Produções da Ilha	rum	3.450 garrafas	69.010 l
	algodão	26.987 @	33.733 l
	açúcar	9.060.053 @	7.927.526 l
	café	2.133.567 @	2.133.567 l
	cacau	587 @	2.208 l
	mogno	12.598 yd ³	128.906 l
	cedro	39.967 yd ³	39.967 l
	cera	39.264 @	171.800 l
	couros/peles	25.262 un	35.943 l
	doces	3.109@	13.990 l
	frutas	-	81.562 l
	mel	3380 hhds	63.384 l
	melado	114.975 hhds	718.598 l
	cavalos/mulas	2.892 un	51.997 l
	folhas de tabaco	179.503 @	560.948 l
	cigarro	792,438 lbs	1.267.496 l
	artigos variados	-	1.017.188 l
			Total: 14.317.823 l

(Continua)

¹²² *Ibidem*, p. 61

Tipo de Mercadoria	Produtos	Quantidade	Valor
Produções ultramarinas	algodão	-	1.208.312 l
	licor	-	182.131 l
	frutos e grãos	-	164.285 l
	ferramentas	-	174.337 l
	lã	-	99.201 l
	linho	-	201.271 l
	madeiras tingidas	-	48.284 l
	artigos de couro	-	31.831 l
	seda	-	125.421 l
	salsaparrilha	-	7.218 l
	miscelâneas	-	1.425.527 l
			Total: 3.667.818 l
			Totalizando em: 20.346.377 l

(Final)

Tabela 2 – Importações

Tipo de Mercadoria	Produto	Quantidade	Valor Total
Líquidos	óleo	106.966@	1.827.764 l
	conhaque	115.098 un	
	licor de malte	80.257 un	
	gin	80.901 un	
	cidra	21.204 un	
	vinagre	5.511 un	
	vinhos	966.251 un	

(Continua)

Tipo de Mercadoria	Produto	Quantidade	Valor Total
Especiarias	çafrão	6.556 lbs	115.979 1
	canela	44.196 lbs	
	cravo	2.404 lbs	
	pimentas	8526 @	
Frutos	azeitona	23.421 @	187.586 1
	amêndoas	9.102 un	
	nozes	5.178 un	
	ameixa seca	3.124 un	
	figo	10.336 un	
	uva passas	36.534 un	
Grãos	arroz	561.577@	3.302.849 1
	cacau	40.837 @	
	feijão	34.894 @	
	grão-de-bico	42.980 @	
	farinha	183.767 bbl	
	farinha de milho	1.042 bbl	
	milho	1.642@	
Substâncias oleaginosas	óleo de peixe	44.265 @	1.335.464 1
	banha	301.724 @	
	manteiga	14.680 @	
	queijo	36.600 @	
	sebo	15.670 @	
	velas de spermacete	264.699 lbs	
	velas de sebo	45.988 @	
Peixes	arenques	35.114 @	437.907 1
	atum	4.145 @	
	bacalhau	408.308 @	
	cavalinha	23.587 @	
	salmão	366 @	
	sardinha	13.595 @	
	outros peixes	14.491 @	

(Continua)

Tipo de Mercadoria	Produto	Quantidade	Valor Total
Produtos manufaturados	algodão	-	3.233.120 l
	lã	-	576.178 l
	linho	-	2.881.999 l
	artigos de couro	-	504.432 l
	seda	-	516.484 l
	artigos de madeira	-	979.838 l
	metais	-	1.899.627 l
Artigos variados	(...)	-	3.422.930 l
			Totalizando em: 22.941.351 l

(Final)

Como podemos perceber a economia cubana baseava-se principalmente na produção de açúcar, café e tabaco, que geraram em 1837: 7.927.526, 2.133.567 e 1.267.496 libras, respectivamente. Todas estas produções baseadas na mão de obra escrava, representam mais de 50% do valor obtido nas exportações que totalizavam 20.346.377 libras. No entanto, gastou-se 22.941.351 libras com os produtos importados, mais de dois milhões a mais, isso porque a ilha produzia em grande escala somente 3 produtos, enquanto necessitava de muitos outros artigos, como por exemplo o algodão, o linho, diversos grãos, carnes e bebidas.

Dos navios e embarcações que entraram nos portos da ilha em 1837, 753 eram espanhóis, 1319 americanos, 7 belgas, 29 de Bremen, 14 dinamarqueses; 54 franceses, 1 de St. Domingo, 10 de Hamburgo, 30 holandeses, 201 ingleses, 10 mexicanos, 78 portugueses, 1 russo, 11 sardenhos e 6 suecos: ao todo 2524.

Dos navios e embarcações que saíram, 626 eram espanhóis, 1267 americanos, 8 belgas, 40 de Bremen, 17 dinamarqueses, 44 franceses, 1 haitiano, 16 de Hamburgo, 17 holandeses, 202 ingleses, 8 mexicanos, 62 portugueses, 1 russo, 10 sardenhos e 7 suecos: ao todos 2326.¹²³

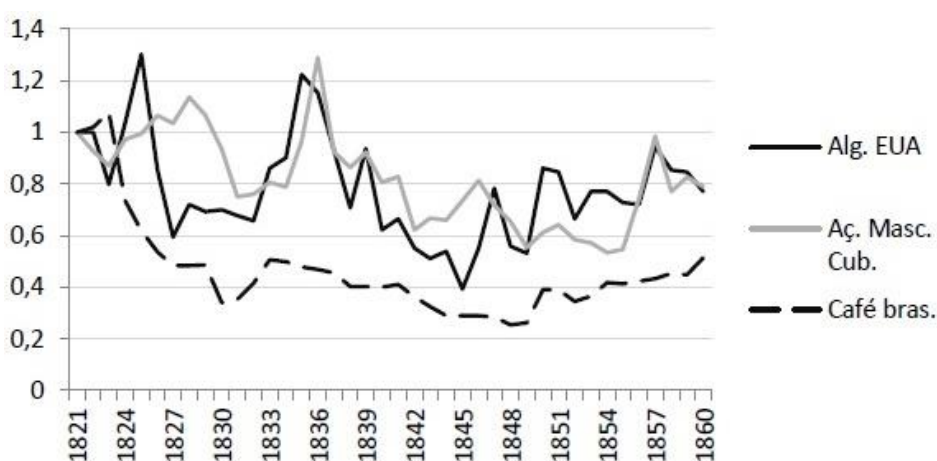
Analisando as tabelas de importação e exportação concomitante às entradas e saídas dos navios, é possível ter uma noção das relações comerciais cubanas, tanto nas suas compras quanto nas vendas. Cabe o registro de que como o comércio de escravos estava proibido desde 1820, os dados sobre esse gênero de importações, ainda aberto, como sabemos, não está inclusa na listagem de artigos importados e exportados. Mas a sua escala pode ser depreendida indiretamente dos registros de entrada e saída de embarcações. Segundo Turnbull, embora não fosse declarado oficialmente, houve um aumento significativo do

¹²³ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p. 116 (tradução nossa)

comércio de escravos de 1836 para 1837, tendo entrado 16 embarcações, e saído 102 contendo escravos¹²⁴. Segundo informações do “Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico” do ano de 1836 para 1837 desembarcaram em Cuba 43.960 africanos¹²⁵. A excessiva resistência de abandonar o tráfico de escravos estava diretamente vinculada ao crescimento das exportações de açúcar, melado e café que estavam em seu auge.

Sob o mesmo ponto de vista, países como Brasil e Estados Unidos naquela época também tinham sua economia baseada na mão de obra escrava, logo, sofriam de forma semelhante oscilações no preço de seus produtos que estavam vinculados, principalmente, a emergência do capitalismo europeu que ditava as novas regras. Em um gráfico comparativo elaborado pelo historiador Tâmis Parron, podemos compreender como ocorreram estas flutuações nos preços do açúcar cubano, café brasileiro e algodão estadunidense:

Gráfico 1 – Índices dos preços de venda nominais do algodão, açúcar mascavo cubano e café brasileiro, 1821-1860



Fonte: PARRON (2015, p.218)

Em 1821, os preços do algodão, do açúcar e do café estavam quase que estáveis em um alto patamar de exportações, sofrendo apenas poucas flutuações anuais. A queda inicial no preço do algodão estava vinculada a um projeto de aprovado pela Grã-Bretanha em 1819, o chamado *Act for the Resumption of Cash Payments* retomava o valor da moeda britânica para o padrão ouro, somado à uma crise financeira nos Estados Unidos¹²⁶. Já no caso brasileiro, que café estava sendo valorizado, a partir de 1823 o preço do produto começou a decair – principalmente após a efetivação da conversão da moeda britânica em 1821 – e continuou

¹²⁴ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico...* p. 118

¹²⁵ Dados do tráfico em: www.slavevoyages.org

¹²⁶ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2015, p. 218

quase que numa constante depreciação¹²⁷. Como assinalado anteriormente por David Turnbull, podemos também observar que de 1836 a 1838 o açúcar cubano encontrava-se em seu ápice.

Segundo Parron, a constante desvalorização dos três produtos no mercado consumidor internacional gerava duas consequências, a primeira associada à disposição dos espaços sociais nas zonas produtivas, e a segunda para a composição geográfica da Segunda Escravidão¹²⁸. Além disso, esta redução no lucro que se obtinha com o comércio dos produtos fez com que os pequenos produtores, proprietários e lavradores se vissem forçados a se retirar deste mercado internacional, permanecendo somente aqueles que produziam em grande escala¹²⁹. Cabe ressaltar que, os senhores de escravos que continuaram com suas produções não estavam dispostos a perder capital, desta forma a responsabilidade sobre o aumento da produtividade caía, conseqüentemente, sobre os cativos¹³⁰.

No entanto, a decorrente expansão da escravidão reproduziu efeitos semelhantes nos três territórios. Com intuito de alcançar a chamada “governabilidade de escravidão”, as instituições locais haviam entregue o controle do futuro da escravidão ao alcance dos proprietários¹³¹. Isto é, nos Estados Unidos, tentou-se embargar as iniciativas do congresso, considerando sua irrefutável ramificação entre as forças não-escravistas do norte e as escravistas sulistas; no Brasil o poder decisório foi alterado do Executivo para o Legislativo, uma vez que este era considerado representante dos interesses da sociedade escravista; e em Cuba este poder decisório concentrava-se nas mãos do Capitão-General, que como visto anteriormente em diversos casos, não haviam razões para fundar um sistema econômico tão lucrativo¹³².

Este regime estabelecido em Cuba das faculdades onímodas comandado pelos Capitães-Generais, só pôde ser perpetuado devido a uma peculiar união entre as classes senhoriais escravistas cubanas, o grupo anticonstitucionalista cubano e os políticos constitucionalistas espanhóis que se aliaram para manter a escravidão, a unidade imperial e o

¹²⁷ *Ibidem*, p. 219

¹²⁸ *Ibidem*, p. 219 / O termo “Segunda Escravidão” é utilizado por historiadores que assinalam que os regimes escravistas que emergiram nas américas no século XIX (principalmente nos Estados Unidos, Brasil e Cuba) eram diferentes dos ocorridos durante a chamada primeira escravidão que aconteceu na América do século XVII ao XVIII, que tinha um caráter mais colonial. Ver mais em: SALLES, R.; MARQUESE, R. B. (Org.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX. Cuba, Brasil e Estados Unidos*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016. pp. 13- 55.

¹²⁹ *Ibidem*, pp.219-220

¹³⁰ MARQUESE, Rafael de Bivar e PARRON, Tâmis Peixoto. *Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. Topoi (Rio J.)* [online]. 2011, vol.12, n.23, p. 99

¹³¹ *Ibidem*, p. 104

¹³² *Ibidem*, p. 104

contrabando negreiro, fornecendo bases para o crescimento e modernização do sistema escravista cubano¹³³. Desta forma, apesar das legislações e tratados estabelecidos, a Coroa espanhola perpetuava o relaxamento destas regulamentações restritivas, permitindo que se estabelecesse o contrabando. Inclusive, para assegurar que os comerciantes de escravos não perdessem dinheiro nas embarcações capturadas pelos britânicos, eram utilizadas duas associações regulares em Havana, chamadas “Companhia de Seguros Marítimos” e “Especulação”, que asseguravam os riscos do tráfico gerando um lucro que variava de 25 a 40%¹³⁴

De acordo com Turnbull, havia um método que auxiliava na estimativa do valor das importações de africanos, que consistiria em somar os números de embarcações portuguesas que entraram na ilha e multiplicar pela média de escravos que adentravam sob bandeira portuguesa, associando ao valor da soma total das importações no ano¹³⁵. No caso em 1837, houve 78 entradas portuguesas reconhecidas, das quais estimavam uma média de 300 pessoas contrabandeadas, resultando em aproximadamente 23.400 pessoas no ano; no mesmo ano, conforme os relatórios dos comissários britânicos, 3 traficantes chegaram sob bandeira espanhola declarando cargas semelhantes¹³⁶. Desta forma, ao analisarmos entrada de escravos somente por embarcações espanholas e portuguesas, é possível imaginar o lucro oriundo desta transação comercial. Isto é, se estipularmos a entrada de 24 mil pessoas com um valor de 300 dólares por cabeça (20 dólares a menos do que a média de venda por escravo durante a estadia de Turnbull)¹³⁷ nesta suposição o capital gerado é de 7.200.000 dólares, ou seja, 1.500.000 libras esterlinas¹³⁸, além das demais bandeiras.

O último censo populacional, de 1827, registrava que na ilha habitavam 730.562 pessoas, das quais, 311.051 eram brancas; 57.514 eram negros livres; 48.980 “pessoas de cor” livres; e 286.980 escravos¹³⁹. Mas, de acordo com as suposições do cônsul Tolmé, naquele ano, 1838: a população branca já teria ultrapassado 400 mil pessoas; as “pessoas de cor de todos os tons” somariam 110 mil; e, apesar das legislações, os números de escravos teriam aumentado para 360 mil pessoas. Efetivamente, em decorrência da expansão do comercial açucareira e cafeeira em 1830, Cuba alcançou projeção mundial em termos de exportações de itens agrícolas jamais obtida por qualquer outra colônia espanhola. A Ilha passou de uma

¹³³ *Ibidem*, p. 102

¹³⁴ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico...* pp. 141-142

¹³⁵ *Ibidem*, p. 154

¹³⁶ *Ibidem*, p. 154

¹³⁷ *Ibidem*, p. 64

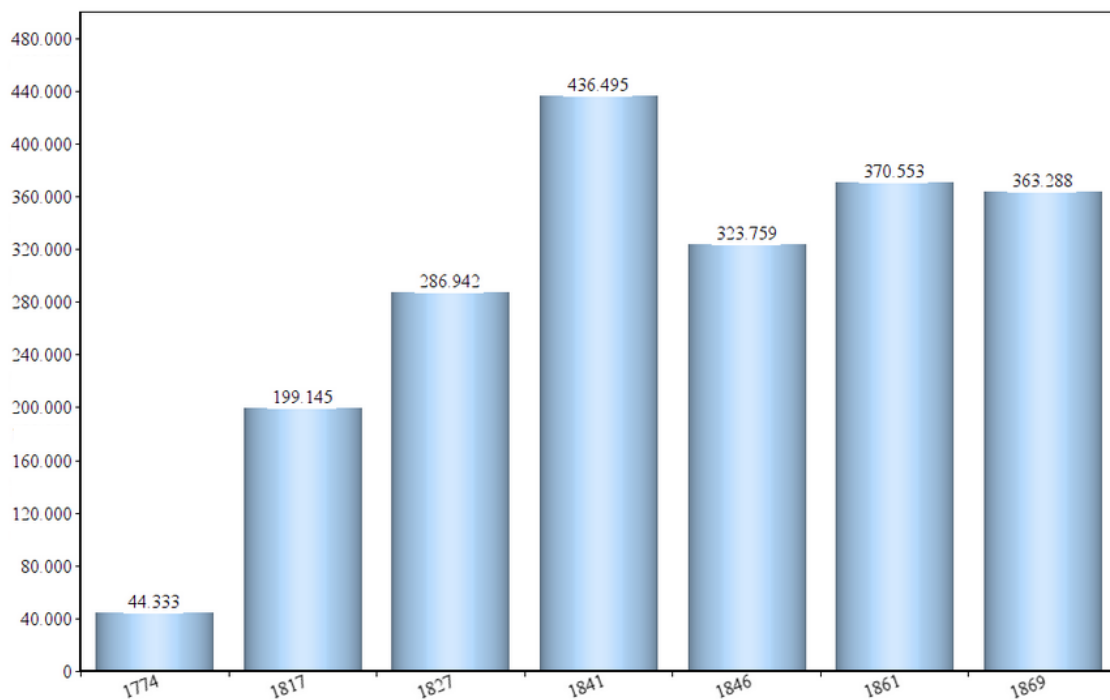
¹³⁸ *Ibidem*, p. 155

¹³⁹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p. 144

posição secundária a ser a principal produtora de açúcar no mundo e uma das principais exportadoras de café, competindo com o Brasil¹⁴⁰. O censo populacional que serviu de fonte para Turnbull teria registrado uma elevação da população escrava¹⁴¹. Cuba possuiria a porcentagem mais alta população escrava entre todas as colônias de domínio espanhol. Este excepcional crescimento econômico na ilha vinha acompanhado de drásticas mudanças políticas e sociais.

O gráfico abaixo refere-se à pesquisa realizada por Roberto Borges Martins baseada na estimativa das fontes oficiais a respeito da população escrava em Cuba:

Gráfico 2 – População escrava Cubana



Elaborado pela autora (2019)

De acordo com Martins, em 1774 Cuba tinha apenas 44.333 indivíduos escravizados; número que quadruplicou devido ao *boom* açucareiro da transição do século XVIII para o XIX em que a ilha se tornou uma das maiores portas de entrada de escravos do tráfico atlântico, resultando em 1817 199.145 cativos. Embora o tráfico já fosse ilegal 1820, a década seguinte demonstrava um crescimento exponencial, atingindo um total de 286.942 escravos na Ilha. No

¹⁴⁰ *Ibidem*. p. 190

¹⁴¹ PIQUERAS ARENAS, José Antônio. La vida política entre 1780 y 1878. In. OROVIO, Consuelo. Historia de Cuba. Volume 1. CSIC, 2009. p. 280

ano de 1841 o número chegaria em seu auge, estimando-se em 436.495 escravos, uma população superior aos indivíduos livres¹⁴².

Significativamente, a população escrava era composta por africanos adultos com uma faixa etária entre 18 e 40 anos, não se adquiriam crianças ou idosos por serem considerados improdutivos, principalmente devido à alta taxa de mortalidade, eram raros os escravos que superavam 40 anos de idade, e os ultrapassavam tinham uma taxa de produção limitada, podendo ser empregados basicamente para ensinar o trabalho aos novos escravos, o que geralmente não compensava ao senhor já que os gastos com vestimentas e alimentações eram equivalentes à de um escravo adulto produtivo; não era lucrativo adquirir uma criança, considerando que seus gastos até atingir a vida adulta eram superiores ao valor gasto na compra de um africano adulto recém importado¹⁴³.

2.3 O CENÁRIO ESCRAVISTA CUBANO

Assim, a sociedade cubana do XIX ia se formando por segmentos. Em primeiro lugar, era uma sociedade de imigrantes, dos quais tinham origem, cultura, cor de pele e condições sociais diferentes¹⁴⁴. Ademais, era uma sociedade marcada pela ascensão de uma plantocracia crioula, cujo capital dependia da importação de escravos. Ter um engenho ou uma grandiosa plantação em Cuba era certamente um bom investimento econômico. O lucro era altíssimo e a mão de obra facilmente renovável devido à grande oferta de escravos.

De acordo com David Turnbull, as notícias que chegavam na Europa a respeito de Cuba, é que “os espanhóis são uma raça bondosa e calorosa, e como me disseram com frequência que os donos de escravos de Havana eram os mestres mais indulgentes do mundo (...) o erro em que eu caí é tão universal entre as pessoas que nunca visitaram a ilha, e tão comum mesmo entre aqueles que ficaram em Havana, mas nunca entraram no interior”¹⁴⁵. Contudo, a condição do escravo dependeria também dos seus deveres, uma vez que o escravo doméstico teria menores obrigações que o escravo do campo.

Turnbull acrescenta que devido à grande importação de escravos na Ilha, ocorria o emprego de escravos em diversas tarefas além das domésticas usuais, de forma que nas grandes propriedades de Havana era possível encontrar um escravo exercendo atuando como

¹⁴²MARTINS, Roberto Borges. Códigos negros e políticas pró-natalistas em Cuba colonial. XII Congresso Brasileiro de História Econômica. 13^a Conferência Internacional de História de Empresas. Niterói, 2017.p.2

¹⁴³ Manuel Moreno. *Cuba/ Espanha/ Cuba: uma história comum* / Manuel Moreno; tradução Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: Edusc, 2005 p.218

¹⁴⁴ FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/ Espanha/ Cuba:uma história comum* / Manuel Moreno; tradução Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 217

¹⁴⁵ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p.48 (tradução nossa)

alfaiates, sapateiros, músicos, dentre outras. Além disso, havia também a oportunidade de contratação de terceiros, assim um comerciante poderia empregar um escravo que recebia uma quantia fixa com a condição de levar o “salário” para seu senhor¹⁴⁶. Salienta-se ainda que, dependendo das relações com seu senhor, este escravo poderia ter a possibilidade de acumular dinheiro o suficiente para comprar sua alforria. Mesmo que fosse custoso e improvável, era uma possibilidade que não se apresentava para um escravo do campo naquela circunstância¹⁴⁷.

Sob o mesmo ponto de vista, muitos viajantes descreveram a escravidão doméstica e urbana de Cuba como a menos violenta do mundo, uma vez que estes escravos tinham tempo livre, poderiam se casar, ter variadas ocupações e a possibilidade de compra da liberdade¹⁴⁸. O mesmo ponto também era retomado ao descrever a vida de um escravo na plantação dos quais eram “bem alimentados, abrigados, vestidos e tratados gentilmente”¹⁴⁹. Mas estas ações estavam longe de serem altruístas, longe até mesmo de serem verdade, considerando os altos índices de mortalidade. Após 3 anos em Cuba, a visão de Richard R. Madden era que os plantadores eram “gananciosos e homens sem princípio”¹⁵⁰. Em apenas um mês de viagem na Ilha, o advogado Richard Henry Dana declarou que os plantadores não respeitavam os escravos como humanos, que “os escravos eram um pouco mais do que uma ferramenta de trabalho criada ou comprada”¹⁵¹. Semelhantemente, a escritora Fredrika Bremer no seu quarto mês em Cuba relatou que “os escravos nas plantações (...) não são vistos como seres humanos, mas como bestas de carga”¹⁵².

Ao longo de sua expedição em Cuba, David Turnbull esteve presente em plantações de açúcar, café e também de tabaco. A primeira plantação de açúcar visitada foi *La Holanda*, situada cerca de três quilômetros de Guines, próximo ao fim da ferrovia que levava a Havana¹⁵³. Segundo Turnbull, nesta propriedade, viviam 46 escravos, dos quais apenas 40 eram considerados eficientes, considerando que naquela visita 4 beiravam à morte, e 2 tinham acabado de perder algum membro no meio das engrenagens do engenho não sobrevivendo mais do que dois meses. Os demais trabalhavam incalsavelmente com uma longa jornada de trabalho e pouco tempo para descansar, tendo em vista que a propriedade não contava com

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 50

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 51

¹⁴⁸ BLASSINGAME, John W. *Bibliographical Essay: Foreign Writers View Cuban Slavery*. Association for the Study of African American Life and History. *The Journal of Negro History*: Vol. 57, No 4, 1972. p.417

¹⁴⁹ STANLEY M, Elkins. 1963 *apud* BLASSINGAME, John, 1972, p. 418

¹⁵⁰ MADDEN, Richard. 1849 *apud* BLASSINGAME, John, 1972, p.419 (tradução nossa)

¹⁵¹ DANA *apud* BLASSINGAME, John, 1972, p.419 (tradução nossa)

¹⁵² *Ibidem*

¹⁵³ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p. 277

um espaço próprio para dormir¹⁵⁴. E esta se considerava uma situação aparentemente ordinária para as plantações de açúcar.

Já os distritos “cafeeiros de Cuba, assim como a maioria das outras ilhas, são muito mais agradáveis ao viajante comum e muito menos ofensivos - ao filantropo, do que às regiões mais férteis e mais lucrativas onde a cana-de-açúcar é cultivada”¹⁵⁵. Ele explica que um escravo que produz açúcar, ao iniciar seu trabalho aos dezesseis ou dezoitos anos de idade, não sobreviveria mais do que dez anos, enquanto o escravo que colhe café viveria vinte ou trinta anos após o início de suas produções, uma vez que no cultivo do café não suporta a mesma severidade de trabalho ou a mesma intensidade de sofrimento¹⁵⁶. A título de exemplo, Turnbull escreve a respeito de sua visita à propriedade de Don Antonio Garcia, conhecida como *Cafetal Ubajai*, a propriedade contava com 110 escravos. Segundo Don Antonio, os escravos eram muito bem tratados, recebendo duas refeições por dia e trabalhando cerca de 15 horas diárias, morrendo apenas 5% por ano¹⁵⁷. A inexistência de espanto de Turnbull nos faz compreender a normalidade da situação que é a morte de 5 escravos por ano, e a longa e severa jornada de trabalho que ainda assim era considerada por ele mais adequada que as plantações de açúcar.

A respeito das plantações de tabaco, Turnbull esclarece que não havia grandes plantadores na ilha, pois em 1711 o governo peninsular estabeleceu na ilha uma fábrica que produzia tabaco e charutos com a justificativa de incentivar a cultura do tabaco, posto que, efetivamente extraía contribuições para as necessidades do Estado¹⁵⁸. A primeira fábrica foi fechada 20 anos depois, porém era constantemente estabelecida outra a fim de coletar os impostos produzidos na Ilha. A Espanha aboliu o monopólio do fumo somente 1764, quando Carlos III, com intuito de agradar a sacarocracia cubana, dissolveu a Real Intendência de Havana¹⁵⁹. Ainda assim, as produções tabagistas não cresceram tanto quanto as açucareiras.

Cabe ainda salientar que as grandes propriedades de açúcar contavam com mais de 100 escravos, sendo ainda mais impraticável conceder-lhes condições humanas. De acordo com as observações de Turnbull, 200 escravos produziam cerca de 2.000 caixas de açúcar anualmente¹⁶⁰, se analisarmos esta informação, concomitantemente à informação tabelada referente à exportação de açúcar, é possível ter uma dimensão da quantidade de escravos

¹⁵⁴ *Ibidem*. pp. 277-278

¹⁵⁵ *Ibidem*. p.293 (tradução nossa)

¹⁵⁶ *Ibidem*. p. 294

¹⁵⁷ *Ibidem*. pp. 295- 296

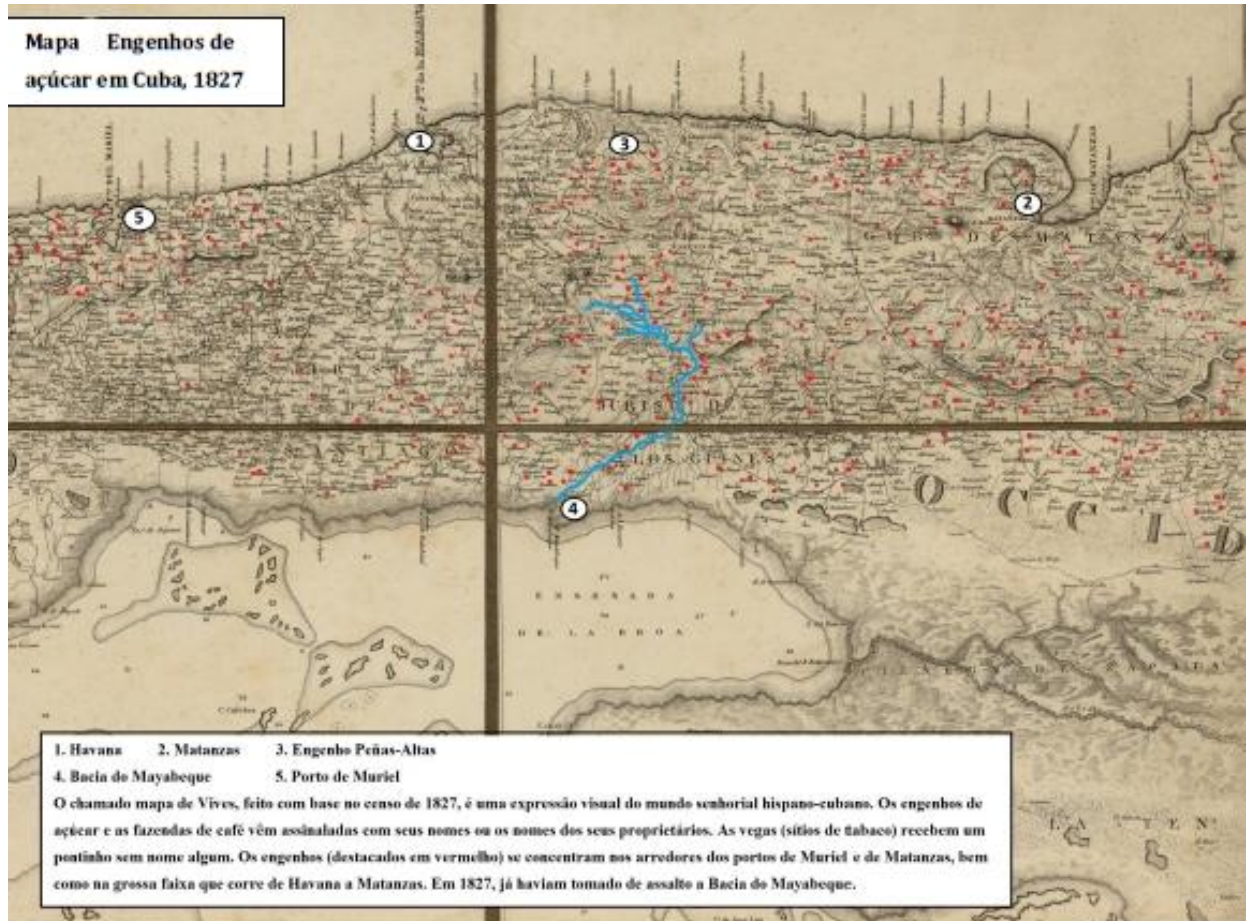
¹⁵⁸ *Ibidem*. pp. 317-320

¹⁵⁹ MARQUESE, R. B. *Feitores do corpo, missionários da mente: Senhores, letrados e o controle...* p. 195

¹⁶⁰ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico* p. 284

presentes na Ilha de Cuba. O historiador Tâmis Parron mapeou os engenhos de açúcar cubano em 1827:

Figura 3 – Engenhos de açúcar em Cuba em 1827



Fonte: PARRON (2015, p. 125)

Cada ponto vermelho representa um engenho de açúcar em 1827, e conforme Turnbull, neste ano, foram exportadas 6.588.428 arrobas de açúcar, sendo que após 10 anos este número já teria aumentado para 9.060.053 arrobas de açúcar¹⁶¹. Então, imaginemos a proporção da introdução de escravos na ilha considerando ainda que não foram mapeadas as plantações de café nem de tabaco. Um fator adicional mencionado pelo Historiador Manuel Moreno Fraginalls refere-se ao desmatamento da Ilha, uma vez que a lenha era necessária para a produção de açucareira, estimava-se que somente no ano de 1840 foram derrubados 53.680 hectares¹⁶². Observamos então que, o direito de desmatar foi mais uma das regalias conquistadas pela sacarocracia cubana para a perpetuação de um sistema escravista tão lucrativo.

¹⁶¹ TURNBULL, David. *Travels in the West: Cuba; with notices of Porto Rico ...* p. 153

¹⁶² FRAGINALLS, Manuel Moreno. *Cuba/ Espanha/ Cuba: uma história comum / Manuel Moreno;...* p. 201

Uma importantíssima contribuição para a análise do cotidiano escravista cubano foi feita pelo historiador Manuel Moreno Fragnals, que em parte de sua pesquisa demonstra uma análise significativa para as pesquisas de gênero. Segundo ele, até as duas primeiras décadas do século XIX não se considerava a mulher como mão de obra devido sua baixa taxa de produção, a única vantagem sobre o homem era ser reprodutora de mais escravos, contudo essa vantagem era extremamente restrita devido a altíssima mortalidade infantil e feminina durante o parto; além disso, documentos de engenhos demonstram que 40% das escravas tinham o útero caído¹⁶³, provável consequência de numerosos abortos causados pelas excessivas horas de trabalho na gravidez, ou até mesmo intencionalmente, fazendo com que as escravas tivessem uma porcentagem de maternidade menor inclusive que as mulheres brancas¹⁶⁴.

Um outro fator significativo de análise era a questão familiar. Ao serem introduzidos na sociedade cubana, os africanos se viam obrigados a reprimir sua tradição, cultura e relações sociais; por mais que fossem submetidos aos preceitos católicos, nesta cultura de submissão não nem tinham o direito de considerar envolver-se com uma família nuclear ou comunidade¹⁶⁵. A única relação familiar possível era a maternidade, que poderia ser interrompida pela vontade do senhor de vender escravos, sendo frequentes os anúncios de jornais que publicavam “vende-se uma negra com sua cria ou sem ela”¹⁶⁶, demonstrando que no mercado de venda de escravos, não tinha-se pudor em separar uma mãe de sua cria, porque justamente o preço de um escravo em idade adulta, era muito mais barato do que realizar a manutenção desse núcleo familiar. E com o *boom* do açúcar tornou-se mais complexa essa relação de senhor/escravo:

Essa maciça importação de africanos, embora tenha sido paralela a uma forte imigração branca, rompeu o equilíbrio entre população livre e escrava, branca e negra, aumentando os antagonismos raciais e tornando a convivência mais tensa. Talvez a mudança demográfica tenha sido menor do que a transformação psicológica operada no núcleo social negro-mulato. Herman Merivale pode dizer na época que a Ilha de Cuba da mais humana das Antilhas se havia convertido na mais bárbara e imortal. Criou-se entre os brancos uma espécie de psicose de terror à população negra (a negrofobia) em parte sustentada por razões reais, mas em parte amplificada por interesses políticos, já que o medo do negro era um freio à possível rebeldia anticolonial do branco.¹⁶⁷

¹⁶³ Formalmente conhecido como prolapso uterino, constitui-se no deslocamento do órgão para o interior da vagina devido o enfraquecimento do músculo, esta condição afeta as atividades físicas e sexuais, causando dores no cotidiano. Ver mais em: SILVA, J. C.; HORST, W. *Prolapso de Órgãos Pélvicos: revisando a Literatura*. Arquivos Catarinenses de Medicina, 2017

¹⁶⁴ *Ibidem*, pp. 218-223

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 224

¹⁶⁶ FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/ Espanha/ Cuba: uma história comum / Manuel Moreno...* p. 222

¹⁶⁷ *Ibidem*. p.225

Destes 400 mil escravos introduzidos clandestinamente na Ilha, estima-se que apenas 7,6% foram capturados em alto mar e declarados emancipados pela Comissão Mista¹⁶⁸. Neste ínterim, criava-se um novo elemento extremamente perigoso para a manutenção da ordem social cubana: os emancipados. O responsável por cuidar desta situação era o recém empossado Richard Robert Madden, que ocupava o primeiro cargo de Superintendente-Geral dos Emancipados em 1836. Conforme instruídos, os emancipados eram distribuídos em corporações e instituições de Havana ou cidades vizinhas, deveriam cumprir um regime temporário de mais ou menos 5 anos para obter a liberdade¹⁶⁹.

Indubitavelmente, o destino destes emancipados não caía somente sobre Madden, a política emancipatória sujeitava-se sobretudo nas decisões dos governadores. De acordo com Inés Montaud, os governadores Vives e Ricafort enviavam os emancipados para trabalharem nas obras de Fernando VII; ao longo do governo de Tacón, eles foram designados para pavimentar as ruas, construir pontes, a cadeia, dentre outras obras públicas; enquanto Valdés enviava as mulheres para a *Casa de Beneficencia* e os homens para a *Junta de Fomento*. Acrescentando-se que nas próprias obras públicas, como exposto por Turnbull anteriormente, mostram que eles tinham condições trabalhistas análogas à escravidão. E ainda sim, há relatos sobre contrabando de emancipados, visto que a constante oferta de mão de obra barata tornou-se muito desejável¹⁷⁰.

Os grandes proprietários e as autoridades coloniais manifestavam profundo incomodo com as constantes introduções de africanos emancipados em Cuba, com receio que estes influenciassem a população e escrava gerando alguma revolta semelhante à jamaicana. Ao fim da década de 30, estes emancipados eram mais considerados um incomodo do que uma mão de obra produtiva. A única solução possível aos olhos das autoridades seria enviá-los para outro lugar, e assim foi deliberado. Os africanos emancipados pela comissão mista foram enviados para Bahamas, Trindad e outras colônias britânicas visto que a abolição em territórios britânicos tinha criado uma grande demanda por trabalhadores contratados¹⁷¹. Em suma, os emancipados estavam longe de serem considerados livres, e a liberdade encontrava-se há pelo menos 5 anos de muitos desafios, ainda mais que o retorno para suas origens estava longe de ser uma possibilidade.

¹⁶⁸ MONTAUD, Inés Roldan. *En los Borrosos Confines de la Libertad*: El caso de los negros emancipados en Cuba, 1817-1870. Revista de Indias, vol. LXXI, num, 251. 2011, p.161

¹⁶⁹ *Ibidem* p. 167

¹⁷⁰ MONTAUD, Inés Roldan. *En los Borrosos Confines de la Libertad*: El caso de los negros emancipados en Cuba, 1817-1870. Revista de Indias, vol. LXXI, num, 251. 2011, p. 168

¹⁷¹ MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017. pp 176-179*

Portanto, podemos observar que, mais do que um relato de viagem, o livro *Travels in the West* escrito por David Turnbull nos apresenta de forma minuciosa as particularidades presentes no sistema escravista cubano. De tal modo que possamos analisar como a escravidão se estabeleceu em Cuba através de um olhar geográfico, compreendendo os ambientes e ferramentas para o seu estabelecimento; de perspectivas econômicas, analisando a balança comercial cubana e suas transações; do ponto de vista político nos demonstrando as relações internacionais e locais para a supressão ou perpetuação da escravidão; e também pelo enfoque social percebendo as relações entre senhores-escravos, mães-filhos, brancos-negros, homens-mulheres, dentre outras presentes naquela sociedade. Ainda assim, David Turnbull esperava mais com a publicação do livro, *Travels in the West* era apenas o início do seu grandioso plano.

CAPÍTULO 3 – AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA ATUAÇÃO ABOLICIONISTA

3.1 ESCRAVIDÃO & CONFLITO DIPLOMÁTICO

Ao final da década de 1830, enquanto a escravidão cubana alçava seu auge, no contexto europeu, em contrapartida, manifestavam-se gradativamente inúmeras sociedades filantrópicas que por motivos e com métodos diferentes buscavam o mesmo objetivo: a supressão da escravidão. Efetivamente, a participação dos militantes abolicionistas na política internacional só atingiu um notável patamar a partir da fundação de duas sociedades: a *Colonization Society*, conduzida por Thomas Buxton; e a *British and Foreign Anti-Slavery Society* (BFASS) liderada por Joseph Sturge¹⁷².

Naquele período, Thomas Buxton¹⁷³ era considerado um dos líderes abolicionistas mais ativos, isso porque carregava consigo, desde o início da década, o seu projeto de colonização africana que pretendia substituir gradualmente o tráfico ilegal de escravos pelo comércio de mercadorias lícitas¹⁷⁴. Para tanto, Buxton organizou através da *Colonization Society* uma expedição ao longo do rio Níger com o intuito de implementar fazendas nas regiões africanas que demonstrassem o modelo de produção europeia e desincentivassem o tráfico de escravos, indubitavelmente seu plano não prosseguiu conforme idealizado, a maioria dos vanguardistas foram abatidos durante a jornada, supostamente mortos pela malária¹⁷⁵.

A segunda sociedade citada, a BFASS, fundada em 1839 por Joseph Sturge¹⁷⁶, era comandada por quacres, um grupo religioso responsável pelas manutenções financeiras e orientações ideológicas da entidade, que comumente estava atrelado aos movimentos antiescravistas da época. Contrariamente à sociedade de Buxton, a BFASS dava ênfase na instantaneidade, almejando o combate imediato da escravidão, uma vez que os militantes desta sociedade acreditavam que mesmo que houvesse um forte combate ao tráfico de escravos, os traficantes encontrariam um meio burlar qualquer ordem estabelecida, desta forma a única solução possível seria eliminar a demanda para que não houvesse oferta, ou seja, abolir todas as formas de escravidão¹⁷⁷. Embora houvesse concorrência entre as

¹⁷² PARRON, Tâmis. A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba... pp. 360 - 361

¹⁷³ Vide imagem de Thomas Buxton no anexo VIII

¹⁷⁴ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. Escravidão e Política: Brasil e Cuba... p. 258

¹⁷⁵ HUZZEY Richard. *Freedom Burning: Anti-Slavery and Empire in Victorian Britain*. Cornell University Press; 1st Edition edition-2012 pp. 67-69

¹⁷⁶ Vide imagem de Joseph Sturge no anexo IX

¹⁷⁷ RÉ, Henrique Antonio. Uma história da British and Foreign Anti-Slavery Society: a instituição que internacionalizou o antiescravismo britânico. *REVISTA DE HISTÓRIA*, v. 176, p. 01, 2017 pp. 2-3

entidades a fim de liderar a corrida antiescravista mundial, conforme exposto por Buxton, elas não eram rivais, mas sim “completares”:

O seu primeiro golpe mira na escravidão, o nosso no tráfico de escravos; vocês desejam extinguir a demanda, nós desejamos esmagar a oferta; as suas operações são em um hemisfério, a nossa em outro. Não há possibilidade de interferência; pelo contrário, o sucesso de um não pode ser atingido sem o sucesso do outro.¹⁷⁸

Em pouco tempo, as ideias de Sturge abafaram as de Buxton. Em 1843, a *Colonization Society* foi dissolvida, ao passo que a BFASS¹⁷⁹ descava-se internacionalmente na política internacional. O primeiro grande passo nesta direção aconteceu em junho de 1840, quando a BFASS organizou em Londres a primeira Convenção Mundial Contra a Escravidão¹⁸⁰. Ainda que os militantes abolicionistas não tivessem domínio sobre a diplomacia britânica, esta nova rede transatlântica alcançava um novo patamar antiescravista, afinal reunia vozes de diversos lugares do mundo que independente do motivo tinham o mesmo objetivo.

Uma destas notáveis vozes era proferida por David Turnbull, que após sua longa viagem pelo oeste retornou com muitas histórias e projetos. Durante seu retorno de Cuba, em uma breve parada em Nova Iorque, Turnbull ainda teve a oportunidade de conhecer Arthur Tappan, James G. Birney e outros militantes que formavam a *American-Slavery Society* que já discutiam a supressão do comércio de escravos nas Américas¹⁸¹.

Logo ao chegar em Paris (em fevereiro de 1840), Turnbull publicou o livro “*Travels in the West*” dedicado ao Lorde Clarendon, além de expor o contexto escravista cubano, a publicação do livro fazia parte do seu grande plano de findar o contrabando de escravos em Cuba. Sem tardar, Turnbull dirigiu-se até Londres para entregar pessoalmente uma cópia do seu livro ao Lorde Palmerston¹⁸², e rapidamente *Travels in the West* recebeu relevante adesão política no governo britânico. No dia 17 de março, em convite da BFASS o abolicionista publicou em uma coluna da *London Times*, mais detalhes a respeito de sua jornada e seus planos¹⁸³. Em uma carta pessoal para Leveson, Turnbull expõe que:

¹⁷⁸ *Proceedings of the General Anti-Slavery Convention, Called by the Committee of the British and Foreign Anti-Slavery Society and Held in London*. Londres: British and Foreign Anti-Slavery Society, 1841. p. 243 (tradução nossa)

¹⁷⁹ Nas seis décadas seguintes, a sociedade atuou essencialmente na luta anti-escravista, mas devido sua grande expansão mundial, envolveu-se outras causas. Em 1909, a BFASS se uniu a *Aborigines' Protection Society* tornando-se *Anti-Slavery and Aborigines' Protection Society*. Após as duas grandes guerras houve a necessidade de incluir mais grupos à sociedade, então a partir de 1956 a sociedade ficou conhecida como *Anti-Slavery Society for the Protection of Human Rights*. Ver mais em: <https://www.antislavery.org/>; RÉ, Henrique Antonio, p. 2

¹⁸⁰ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. Escravidão e Política: Brasil e Cuba... p. 258-9

¹⁸¹ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990. p. 132

¹⁸² *Ibidem* p. 134

¹⁸³ *Ibidem* p. 137

As pessoas das Índias Ocidentais, do *British and Foreign Anti-Slavery Society*, the *African Colonization Society*, e muitas outras sociedades públicas, algumas filantrópicas, outras talvez por interesse, manifestaram-se com uma notável unanimidade a favor da praticabilidade do plano. O assunto ocupou uma grande parte da atenção da imprensa. Quase todos os jornais existentes trataram disso mais ou menos minuciosamente: nenhum deles, até onde sei, reteve sua aprovação; mas arrisco-me a assumir que a voz pública foi declarada a seu favor¹⁸⁴.

Neste meio tempo, Turnbull cogitou retornar para sua casa, em Paris, mas resolveu ficar mais uns meses em Londres uma vez que em junho do mesmo ano ocorreria a primeira Convenção Mundial Contra a Escravidão, e David Turnbull não perderia este encontro. A ideia da convenção partira de Joshua Leavitt, editor da *New York Emancipator*, que no dia 21 de março de 1839 publicou uma proposta de conferência mundial antiescravista que unisse em Londres todos os abolicionistas que militavam pela abolição da escravidão transatlântica¹⁸⁵. Com base nesta proposta, Joseph Sturge começou a organizar a convenção enviando convites de participação a diversos abolicionistas espalhados no globo:

A British and Foreign Anti-Slavery Society, anunciando assim, aos amigos dos escravos de todas as nações, exorta-os fortemente, sempre que possível, a associar-se, unidos e individualmente, a trabalhar **pela extinção da escravidão**; um sistema que, se considerando pelo ponto de vista político, moral ou religioso é extremamente hostil à prosperidade das nações, corrompendo e desmoralizando toda comunidade existente, e completamente em desacordo com o espírito e os preceitos do Cristianismo. Com o propósito de promover este grande e verdadeiro objetivo cristão, a Sociedade organizou uma Conferência Geral em Londres, com o início no dia 12 de Junho de 1840; para deliberar sobre os melhores meio de promover os interesses dos escravos, para obter sua imediata e incondicional liberdade; e por toda medida pacífica, agilizar a extinção total do tráfico de escravos. **Esta Conferência convida amigos de todas as nações e de todos os climas.**¹⁸⁶

O encontro ocorrido do dia 12 ao 23 de junho reuniu mais de 500 abolicionistas e cerca de 5.000 visitantes, sendo considerada a maior convenção mundial ocorrida até então, homens e mulheres vieram dos Estados Unidos, da França, do Caribe, da América Latina e de diversos outros países para participar da convenção¹⁸⁷. Um valioso registro foi feito por Benjamin Robert Haydon, que no ano seguinte expôs a pintura chamada “The Anti-Slavery Society Convention, 1840”:

¹⁸⁴ Turnbull to Leveson, 1 april 1840, FO84/342 *apud* PAQUETTE, Robert. Sugar Is Made with Blood...p. 137

¹⁸⁵ GRIFFIN, Katherine. *A Revolutionary Gathering: The World Anti-Slavery Convention of 1840*. North Alabama Historical Review. Volume 4, 2014. p. 5

¹⁸⁶ *Proceedings of the General Anti-Slavery Convention, Called by the...* p.III (tradução nossa / grifo nosso)

¹⁸⁷ GRIFFIN, Katherine. *A Revolutionary Gathering: The World Anti-Slavery Convention of 1840...* pp. 2-5

Figura 4 – The Anti-Slavery Society Convention, 1840



Fonte: HAYDON, Benjamin Robert (1841)

Nota-se na imagem acima a participação de mulheres na conferência, presença que certamente gerou muita repercussão. Já no ano anterior, durante uma reunião da *American Anti-Slavery Society* (AASS) houve a discussão a respeito da participação das mulheres nos cargos abolicionistas das sociedades, Lewis Teppan declarou que a eleição de mulheres iria contra os preceitos da AASS, podendo desvirtuar a real causa do movimento¹⁸⁸. Assim, em 1840, a pedido de Teppan, os organizadores deixaram claro que a convenção era apenas para cavalheiros.

Ao chegarem em Londres, sua presença foi ainda mais discutida. Logo no primeiro dia, uma das pautas referia-se à participação feminina. O delegado Stacey, assim como outros senhores alegaram que os costumes britânicos impediam a participação feminina nos assuntos de negócios, e que na prática elas nem tinham sido convidadas a participar da convenção¹⁸⁹. Por outro lado, homens como Thomas Clarkson apoiaram a participação feminina,

¹⁸⁸ GRIFFIN, Katherine. *A Revolutionary Gathering: The World Anti-Slavery Convention of 1840*. North Alabama Historical Review. Volume 4, 2014. p. 6-8

¹⁸⁹ *Proceedings of the General Anti-Slavery Convention, Called by the Committee of the British and ...* p. 24-27

principalmente depois de ter se dado o trabalho de viajar até Londres¹⁹⁰. Assim, com o aval do presidente da convenção estiveram presentes Amelia Opie, Lady Byron, Mary Clarkson, Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton¹⁹¹, dentre outras mulheres. Cabe ainda salientar que, embora elas estejam retratadas na pintura de Benjamin Haydon como figuras centrais, apenas delegados do sexo masculino poderiam falar, votar ou sentar-se no andar principal, as mulheres poderiam apenas ouvir e assistir de uma longa distância, estando alocadas em uma extremidade superior destinado aos espectadores¹⁹², diferente do que ilustra a pintura de Haydon.

Naquela circunstância, a convenção estimava uma população escrava de 6.240.000 pessoas espalhadas nos Estados Unidos, Brasil, nas colônias espanholas, francesas, alemãs, dinamarquesas e suecas, além dos mantidos em cativeiros, ou de lugares com número não divulgados que deveriam somar cerca de 1 milhão de escravos a mais¹⁹³. Com a finalidade de esclarecer e unificar os conceitos mais comuns naquela conferência, foi preparado pelo comitê um breve glossário com vocabulários relacionados aos temas e tópicos discutidos. Segundo a BFASS “Escravidão” seria considerado:

- (1.) Essencialmente um pecado, sendo oposição ao gênio e os preceitos do Evangélico.
- (2.) É impolítico em relação ao comércio, população etc.
- (3.) Influência na legislação e na segurança da sociedade.
- (4.) Influência na moral sobre o caráter do senhor e do escravo.
- (5.) Está em oposição ao avanço da civilização, educação e do cristianismo.¹⁹⁴

A partir desta discussão inicial, a conferência destinou-se a apresentar análises a respeito das formas de escravidão ao redor do mundo e meios para suprimi-la. Na tarde do dia 17 de Junho, David Turnbull apresentou seu plano para suprimir a escravidão: dever-se-ia interromper a demanda ao invés da oferta, ou seja, adicionar novas clausuras aos tratados já existentes conferindo aos tribunais de comissões mistas o poder de libertar todos os escravos (estando em plantações, barracões ou outras instituições) que foram adquiridos ilegalmente posteriormente ao dia 30 de outubro de 1820, data que regia o primeiro acordo anglo-espanhol, e assim exigir aos senhores de escravos provas da aquisição legal dos cativos¹⁹⁵, acabando aos poucos com a demanda devido à grande possibilidade do prejuízo.

¹⁹⁰ *Ibidem* p. 12

¹⁹¹ WOMEN AND THE AMERICAN STORY. 1840 London Anti-Slavery Convention. New York Historical Society Museum & Library, 2017

¹⁹² *Ibidem*

¹⁹³ *Proceedings of the General Anti-Slavery Convention, Called by the Committee of the British and ...* p. 7

¹⁹⁴ *Ibidem* p. 8

¹⁹⁵ *Ibidem* p. 251-256

Embora Turnbull soubesse que a escravidão não seria abolida de imediato, seu plano de cortes e fiscalizações previam a queda do valor do escravo o que possibilitava também a supressão do tráfico, demonstrando “ao traficante de escravos que os africanos importados não são mais uma mercadoria facilmente comercializável, e somente por esse processo, ele abandonará voluntariamente um comércio que deixou de ser lucrativo”¹⁹⁶. Assim, seu ousado plano para desmorrar o grandioso tráfico ilegal de escravos baseava-se no aumento de fiscalizações na ilha e nas atribuições dos juizes de comissões mistas para decisões de possíveis abolições. E mesmo que não fosse um processo instantâneo, era uma solução barata e eficiente.

Indubitavelmente muitos delegados e militantes discordaram de seu plano considerando-o impraticável, os protestos e queixas contra Turnbull cresciam, chamavam-no de “abolicionista fanático, inquisidor e *agent provocateur*, o qual não desejava nada menos do que a ascensão da sua raça negra preferida”¹⁹⁷. Mas apesar das inúmeras oposições, ao fim da convenção o governo britânico decidiu aprovar o plano de Turnbull, isso porque a proposta aumentava a influência da Grã-Bretanha em Cuba. O governo britânico necessitava sobrepor seu império internacionalmente, principalmente após ter reconhecido publicamente na Convenção a independência dos os Estados Unidos da América¹⁹⁸.

3.2 DAVID TURNBULL E O COMBATE À ESCRAVIDÃO

Não obstante a adesão do governo britânico ao seu plano, a participação de Turnbull na convenção visava, sobretudo, promover-se politicamente. Após a renúncia de Richard R. Madden ao cargo de Superintendente dos Africanos Livres, Turnbull se candidatou numerosas vezes, insistindo com Palmerston que este cargo deveria ser combinado com outro cargo político que visasse a abolição da escravidão, acrescentando que o sucessor em nenhuma circunstância estivesse relacionado com odioso comércio de escravos¹⁹⁹. Finalmente, em agosto de 1840, Palmerston nomeou David Turnbull ao cargo de cônsul britânico e de

¹⁹⁶ *Ibidem* p. 252 (tradução nossa)

¹⁹⁷ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990 p. 143 (tradução nossa)

¹⁹⁸ MARQUESE, R. B.; PARRON, T. P. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. *Topoi*. Revista de História, v. 12, 2011. p. 105

¹⁹⁹ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the ...* pp. 137-138

Superintendente dos Africanos Livres em Havana²⁰⁰. Turnbull foi, provavelmente, um dos primeiros homens a ocupar dois cargos como estes simultaneamente.

Em novembro do mesmo ano, o recém cômulo e superintendente desembarcou em Cuba mais do que pronto para dar prosseguimento ao seu plano, considerando-se ainda que naquela situação Turnbull possuía os cargos e competências necessárias para alcançar sua finalidade. Ao voltar a Havana deu continuidade aos trabalhos já encetados por Madden. Todavia, não se conteve às investigações e articulações já propostas; suas ações iniciais justificaram sua reputação radical: ele foi atrás de todos os proprietários de escravos em Havana para conferir as aquisições ilegais dando início aos processos de liberdade²⁰¹.

As reclamações não tardaram a chegar. Ainda no mesmo ano, a *Junta de Fomento* elaborou ao governo espanhol uma denúncia ao livro “*Travels in the West*”, alegando que o livro propunha uma inquisição às terras e fazendas, e que as ações de Turnbull levariam ao “extermínio dos brancos pelas raças de cor”²⁰². Logo no início de 1841, a *Junta de Fomento* em companhia do Tribunal de Comércio de Havana e do *Ayuntamiento* fizeram protestos ao governo espanhol, alegando que as ações do cômulo botavam em risco a segurança social de Cuba²⁰³. Mas, por mais que a Espanha acolhesse as denúncias, o governo britânico havia concedido à Turnbull poderes necessários para exercer suas funções.

Uma vez em Cuba, começou a mapear africanos emancipados, escravos insubmissos, negros e mulatos livres, e por conseguinte, juntamente com o secretário Francis Ross Cocking, elaborou uma rede de pessoas que assessoravam estes sujeitos a deslocarem-se às *British West Indies* “a terra da liberdade verdadeira”²⁰⁴. Com base nas informações providas desta rede estabelecida, sob a gestão de Turnbull na intendência, foram liberados dezenas de emancipados submetidos a trabalhos forçados ilegais em Cuba²⁰⁵. Mas sua ousadia não se continha apenas nestas ações. O considerado ápice do seu radicalismo foi organizar um segundo grupo de proprietários brancos e crioulos cujo propósito era insurgir-se ao segundo governo hispânico e às ordens escravistas²⁰⁶. Sua má fama difundia-se da colônia à metrópole.

Nesta época, quem governava Cuba era Gerónimo Valdés²⁰⁷. Efetivamente, sua carreira militar iniciou-se em 1808 quando uniu-se a um grupo de estudantes em Oviedo em uma rebelião contra a ocupação de Napoleão Bonaparte na Espanha; ao fim da guerra

²⁰⁰ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba...* p. 265

²⁰¹ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the ...* pp. 147-148

²⁰² PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba ...* p. 390

²⁰³ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba...* p. 265

²⁰⁴ *Ibidem*, pp. 278-279

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 279

²⁰⁶ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba ...* p.391

²⁰⁷ Vide imagem de Gerónimo Valdés no anexo X

napoleônica, foi enviado para o Peru (sua terra natal) para participar da Batalha de Ayacucho, estando presente na rendição do General Rodil à Bolívar após a última grande batalha espanhola-americana; em 1841, Valdés desembarcou em Cuba comprometido a preservá-la para o governo espanhol²⁰⁸. Um governador conservador e a favor da perpetuação da escravidão, certamente teria problemas com David Turnbull.

Embora Valdés fosse considerado um excelente militar no cenário internacional, os boatos que circulavam por Cuba afirmavam que o governador obtinha lucros do comércio de escravos. O coletivo organizado por Turnbull acusava Valdés de enviar instruções secretas aos comerciantes de escravos para moverem os escravos dos *barracoons* públicos para depósitos particulares perpetuando o comércio ilegal de escravos, mas, por mais que se esforçasse, o cônsul não conseguia provar estas acusações²⁰⁹. Ainda que Kennedy e Dalrymple tenham declarado suas acusações infundadas, ele não desistiu de sua perseguição. Meses depois, Turnbull apresentou o decreto real de 1826 no qual permitia a qualquer pessoa denunciar o descumprimento dos acordos comerciais antiescravistas da Espanha²¹⁰. Em sua defesa, Valdés declarou que Turnbull era um oficial estrangeiro com um raio de atuação restrito. Em uma Carta endereçada para Turnbull manifestou-se:

Eu nunca neguei, nem nego agora (...) o direito que se possa ter de assegurar o outro do cumprimento dos tratados pelos meios apontados pelas leis da nação. Mas eu direi e repetirei que o Capitão-General da Ilha de Cuba não tem outro superior, a não ser o governo de sua majestade do qual ele é dependente, e enquanto o governo não me autorize a reconhecer essas e outras capacidades em você, eu também não poderia e não deveria reconhecê-las sem falhar no mais sagrado dos meus deveres²¹¹.

A realidade era que após tantos atos tidos como radicais e tantas acusações David Turnbull havia enfraquecido politicamente, e por mais Valdés tivesse de fato ligações com o comércio de escravos, não seria uma surpresa para alguém de tal cargo na época. Como os Capitães-Gerais antecessores, Valdés via a escravidão como essencial para a manutenção da ordem hispânica em Cuba. Segundo ele, a agricultura cubana não poderia ser regida através do *white labor*, visto que “ver um homem branco curvado sob o peso do trabalho das plantações ao lado de um escravo diverge das ideias estabelecidas neste país; e essa atitude favorável ao branco, não é fácil, não é possível, extinguir com um mandato”²¹².

²⁰⁸ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade...* p. 146

²⁰⁹ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict...* p148

²¹⁰ *Ibidem*. p146

²¹¹ Valdés to turnbull, 12 Outubro de 1841 FO84/359 apud PAQUETTE pp. 146-147 (tradução nossa)

²¹² PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera...* p. 148 (tradução nossa)

Logo no início do ano de 1842, o Capitão-General recebeu ordens da metrópole para começar a conceder liberdade aos escravos importados posteriormente à 1820 conforme visava o tratado anglo-espanhol²¹³. Todavia, Valdés entendia que não seria possível executar o procedimento sem causar desordem na sociedade cubana, a solução seria redirecionar o problema mirando em quem mais lhe incomodava. Assim ele escreveu uma carta à Madri solicitando a saída de David Turnbull da Ilha devido a balburdia gerada por conta de suas ações:

Tal ato, por mais simples que pareça, é uma ofensa à ordem social da Ilha de Cuba, pois todo ato destinava-se a introduzir desordem entre os escravos nas propriedades, indispondo o escravo com relação a seus feitores e mestres, e anunciando sua declaração “de que muitos outros tinham o direito de liberdade” e poderiam elevar-se, não merece outras competências.²¹⁴

De fato, Turnbull teria causado alvoroço em todos os âmbitos, de Cuba à Europa cativou diversos inimigos. Na primavera de 1842 o *Foreign Office* demitiu o abolicionista do cargo de cônsul britânico em Havana, mantendo-o somente no cargo de Superintendente dos Africanos Livres²¹⁵. A trágica notícia abalava Turnbull, pois sem a imunidade diplomática suas ações tornavam-se limitadas. Tendo a vida ameaça por um proprietário de escravos, abandonou o conforto de sua casa na capital para viver alguns meses no HSM *Romney*, um navio britânico que estava ancorado em um dos portos da cidade abrigando escravos recém libertos antes de serem removidos da ilha²¹⁶. Mesmo abatido, persistia em concluir seu plano.

Seu último ato em Cuba visava a independência da Ilha e a abolição da escravidão. Para tanto, através de uma perspectiva unionista entre brancos e negros, David Turnbull anunciaria um proclama oficial contendo as razões pelas quais a Ilha de Cuba emancipava-se da Espanha, e a fim de conseguir apoio externo viajou à Jamaica. Depois foi a Santiago de Cuba, Manzanillo, Trinidad e Cienfuegos, e enviou diversas cartas ao governo britânico solicitando apoio. Ao descobrir estes projetos, o Capitão-General entrou em contato com a Coroa espanhola para impedir as futuras ações de Turnbull, o que infelizmente funcionou, “no final, Turnbull não obteve o suporte necessário nem entre cubanos, nem entre britânicos. Em novembro, foi desligado de suas funções e foi obrigado a se retirar da ilha”²¹⁷.

No dia 6 de novembro de 1842, as autoridades hispânicas escoltaram-no até sua embarcação. Valdés em tom de ameaça disse que se Turnbull ousasse a retornar à Cuba “seria

²¹³ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba...*p.240

²¹⁴ The judgment of a government legal advisor (*asesor*), signed by Valdés on 5 November 1842, is in BAN 67 *apud* PAQUETTE p. 156 (tradução nossa)

²¹⁵ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba...* p.403

²¹⁶ CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race, abolition ...* p. 81

²¹⁷ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba...*p. 241

tratado como perturbador da ordem pública”²¹⁸. Segundo as autoridades presentes, o ex cônsul e superintendente partiu satisfeito com suas realizações, isso porque “em sua partida, ele teria prometido ser martirizado pela causa”²¹⁹. Nove dias depois do seu egresso Turnbull recebeu uma carta do Lorde Aberdeen explicando que a remoção de Turnbull de Havana estava relacionada às relações internacionais dos serviços públicos britânicos, embora ele compactuasse com as ações de Turnbull para a supressão do tráfico de escravos cubano²²⁰. Mas por mais que as autoridades hispânicas estivessem aliviadas com sua saída, pouco influenciaria nas questões de apaziguamento da ordem social cubana.

Ao chegar em Londres, em janeiro de 1843, David Turnbull foi nomeado pelo Lorde Aberdeen como juiz do Tribunal de Comissão Mista de Kingston, na Jamaica. O cargo foi criado logo após um tratado entre a Grã-Bretanha e Portugal para a supressão do tráfico de escravos. Sem hesitar, David e Elinor Turnbull foram juntos para a Jamaica. No registro de enterro da igreja de St. Andrews consta que Elinor faleceu aos 36 anos de idade e foi sepultada no dia 29 de dezembro de 1843. Ainda na Jamaica, Turnbull conheceu sua segunda esposa, Alice Musson, casando-se no dia 1º de agosto de 1844.²²¹

3.2.1 *La Conspiración de la Escalera*

Em 1841, a *Junta de Fomento* propusera a proibição do tráfico, a promoção da imigração branca e a expulsão do cônsul taxado como fanático²²², Turnbull. Nesse momento, os britânicos permaneciam pressionando o governo colonial espanhol para o fim do tráfico de escravos gerando grandes tensões sociais, políticas e econômicas. Era evidente que a sociedade cubana se encontrava instável. Os casos de negros e mulatos (sejam eles livres ou escravizados) julgados pela Comissão Mista aumentavam consideravelmente, e paralelamente crescia também o medo do negro²²³. Uma das soluções propostas baseava-se em uma medida feita no dia 4 de maio de 1841, que abordava medidas de punições para escravos redigida por José Maria Franco (autor de *Guerra del Ejército*), que contava com considerações sobre as penas atuais e novas propostas de punições:

²¹⁸ The judgment of a government legal advisor, signed by Valdés on 5 November 1842, is in BAN 67 *apud* PAQUETTE p.156 (tradução nossa)

²¹⁹ *Ibidem*

²²⁰ Aberdeen to Turnbull, 15 November 1842 *apud* PAQUETTE p. 157

²²¹ LLORCA-JAÑA, Manuel. *David Turnbull (1793?- 1851):* journalist and slavery abolitionist. Oxford University Press 2004–9 p.3

²²² SÁNCHEZ, Martha S. E. *Los momentos que preceden al la "Conspiración de La Escalera" en la Jurisdicción Matanzas: La población negra de la zona (1840-1844)* N°. 13, 2005 p. 302

²²³ *Ibidem*, pp. 304-308

1. O trabalho em obras públicas não intimida, especialmente aos escravos.
2. A pena de presídio também é inoperante para a índole, princípios e condições sociais dos escravos. Isto é, o que poderia ser pior do que ser escravo?
3. Os funcionarios que devem evitar os excessos nem vigiam, nem preservam para erradicar os delitos.

As medidas também foram anotadas:

1. Qualquer pessoa de cor que cometer o delito de portar armas proibidas das quais estão mencionadas no 6º artigo da circular de 4 de maio de 1841, sofrerá uma pena de 150 chicotadas no pelourinho e um ano de presídio.
2. O indivíduo de cor que for preso com qualquer arma daqueles tipos não mencionados no 6º artigo, sofrerá a correção de 50 chicotadas, nos mesmos termos e pagando as despesas incorridas em liberdade, ou o seu proprietário caso fosse escravo, liberando imediatamente e entregue ao seu mestre.
3. A imposição das correções serão verificadas pelas autoridades políticas. Para a prisão dos infratores, basta apenas duas testemunhas adequadas que acompanhaem a autoridade e assinem a parte com o apreensor, e imediatamente a punição será executada. O castigo será agravado proporcionalmente e arbitrariamente nas reincidências, devendo existir um registro onde anotaram-se todos os criminosos com os detalhes da sua identidade, arquivando-o nos sumários.
4. A circular do dia 4 de Maio de 1841 estará em vigor, desde que não haja oposição as novas disposições.²²⁴

Uma outra solução proferida contra o temor negro, era o incentivo da imigração branca. Segundo um artigo publicado na época por Miguel Storch, enquanto 30 escravos adultos custavam em média 15.000 pesos, incentivar a imigração de 30 brancos custaria somente 2.880 pesos, isto porque não haveriam gastos adicionais como alimentação, vestimenta, saúde, etc²²⁵. Ademais, os artigos alegavam que o incentivo da mão-de-obra branca garantia a ordem social e promovia braços úteis para a agricultura reestabelecendo a riqueza do país²²⁶. Embora a preferência fosse os brancos hispânicos, a imigração branca ocorreu somente em 1847, com a chegada de chineses na Ilha²²⁷.

Não obstante o crescimento significativo da população escrava no início da década de 40 (que alcançava o auge em Cuba como observado no gráfico I), o tráfico de escravizados para Cuba sofreria flutuações significativas²²⁸. Tendo em vista a interferência britânica no comércio de escravos em Cuba, Valdés elaborou uma proposta para a manutenção da escravidão que visava a reprodução natural de escravos. No dia 14 de novembro de 1842, Gerónimo Valdés publicou o *Reglamento de Esclavos*, composto por 48 artigos, o regulamento ditava normas de convivência para escravos e senhores²²⁹. Os cinco primeiros artigos referiam-se a adesão da religião católica, cabendo ao senhor instruir os escravos com os preceitos da religião, assim como batizá-los e liberá-los algumas horas nos domingos e nos

²²⁴ *La Aurora* 19 de septiembre de 1842, *Sección De Oficio*, p.1 apud SÁNCHEZ, Martha S. E, 2005, p. 310

²²⁵ SÁNCHEZ, Martha S. E. *Los momentos que preceden al la "Conspiración de La Escalera" en la ...* p. 305

²²⁶ *Ibidem*, p. 305

²²⁷ *Ibidem*, pp. 304-305

²²⁸ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em ...* p.241

²²⁹ *Ibidem* p. 242

dias santos para o exercício do catolicismo; o 6º artigo determinou que os senhores deveriam servir aos escravos de duas à três refeições diárias, provendo o suficiente para seus sustentos; relacionado ao vestuário, o 7º artigo propôs que fossem entregues aos escravos duas vestimentas por ano, uma para as estações frias e outra para as mais quentes; os artigos 8, 9 e 10, relativos à maternidade, declaravam que o recém-nascido ou a criança escrava deveriam ser cuidadosamente alimentados e educados enquanto sua mãe trabalhava no campo, e caso estes ficassem doentes a mãe deveria ser requerida para cuidá-los e amamentá-los deixando seu trabalho no campo para exercer um trabalho doméstico; o 12º artigo ditava a jornada de trabalho, que não deveria exceder 10 horas em dias comuns, enquanto em tempos de safra seriam permitidas até 16 horas de trabalho; relacionado à idade, o 14º artigo estabelecia que jovens menores de 17 anos e idosos com idade superior a 60 anos não poderiam exercer trabalhos pesados; as formas de lazer também foram ditadas, era permitido que os escravos comemorassem dias festivos em suas propriedades, mas os senhores deveriam sempre atentar-se aos horários e ao consumo de álcool (23º-24); a respeito da “moradia” do 25º ao 27º artigo era definido que os dormitórios deveriam ser separados por sexo, havendo uma boa ventilação e uma sala exclusiva para os doentes quando necessário; relacionado ao matrimônio, os artigos 29, 30 e 31 sugeriam que o matrimônio ocorresse entre escravos da mesma propriedades, caso o casal fossem de propriedades diferentes, a esposa deveria mudar-se para a propriedade do senhor de seu marido com um custo mais acessível, mesmo sendo preferível a locomoção da mulher o contrário também poderia ocorrer, mas ainda sim caso nenhum dos senhores estivesse disposto a negociar, o casal poderia ser vendido à uma terceira pessoa. Além disso cabe ressaltar que e ao comprar uma mulher que seja mãe de uma criança com idade inferior à 3 anos, a criança deveria acompanhá-la passando a ser propriedade do próximo senhor; caso o escravo descobrisse alguma conspiração contra os senhores, o artigo 38 assegurava que ao delatar a situação o escravo seria liberto e receberia uma quantia de 500 pesos, enquanto os rebeldes deveriam ser tratados com generosidade para incentivar a lealdade; referente aos castigos, os artigos 41-45 asseguravam as punições, estabeleciam um limite de até 25 chibatadas, declarando inclusive que as punições só poderiam ser executadas pelos proprietários, feitores e administradores, cabendo ao judiciário decidir a pena de quem interferisse ou excedesse nos castigos²³⁰.

Mas por mais que Valdés estivesse interessado na perpetuação da escravidão, a publicação de seu *Reglamento de Esclavos* não soou bem aos ouvidos dos proprietários de

²³⁰ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the...* pp.267-272

escravos. As Juntas de Comércio de diversas cidades uniram-se contra o Capitão-General exigindo à Coroa Espanhola a remoção do regulamento e a demissão de Valdés. A proposta dos senhores era o retorno do adorado Miguel Tacón y Rosique; o executivo cubano questionou a *Real Sociedad Patriótica*, o Tribunal de Comércio, diversos *ayuntamentos* e o cabildo da igreja metropolitana, e a resposta foi unânime todos eram favoráveis as medidas do Capitão-General, tanto a expulsão de Turnbull quanto a realização do regulamento²³¹. O governo espanhol os escutou e Valdés permaneceu no poder de Cuba.

Mas o *Reglamento* repercutiu muito mais do que esperado, principalmente em uma ilha em que o caos reinava. Somente três meses após a publicação, no dia 26 de março de 1843, mais de 100 escravos do Engenho *Alcancía* (um dos maiores engenho de Matanzas) rebelaram-se contra o proprietário Joaquín Peñalver, ao som de tambores executaram-no juntamente com dois de seus assistentes, inclusive atearam fogo no canavial e nas instalações²³². As notícias se espalhavam e a causa intensificava-se. Escravos do engenho *La Luisa*, *Trinidad* e *Las Nieves* uniram-se contra as autoridades, juntos somavam 460 cativos que depredaram todas as propriedades e assassinaram 7 senhores, em contra partida, 8 escravos foram condenados ao fuzilamento e 120 morreram durante a revolta²³³.

As revoltas se espalhavam, cresciam e multiplicavam. O movimento estava tão forte, que José Doleres, um líder negro, tornou-se uma lenda entre os escravos cubanos por liderar ataques em plantações e libertando diversos escravos, inclusive os presos durante o ataque de Alcancía²³⁴. O turbulento ano de 1843 registrava revoltas por vários engenhos: *La Luisa*, *La Trinidad*, *Las Nieves* e *La Aurora*²³⁵. Conhecidas como a *Conspiracion de La Escalera* faziam referência às punições sofridas pelos escravos, que eram amarrados em uma escada e chicoteados até confessarem ou sucumbissem às supostas alegações²³⁶. Os plantadores e proprietários certamente não gostaram da piada sarcástica, com medo de serem os próximos solicitaram ao governo espanhol proteção considerando o estado de emergência que encontrava-se a Ilha, e seu medo era mais que razoável, uma vez que de 600 mil habitantes cubanos estimava-se que 500 mil eram escravos²³⁷.

Com receio que os escravos que trabalhavam nas ferrovias se unissem às revoltas, os donos da linha Cárdenas–Júcaro levaram cerca de 200 escravos para Cárdenas, trancando-os

²³¹ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba...* pp.404-405

²³² *Ibidem*

²³³ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba.* pp.290-293

²³⁴ *Ibidem*

²³⁵ SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em ...* p. 247

²³⁶ *Ibidem*, pp.247-248

²³⁷ PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict.* pp.210-211

em um grande depósito de madeira²³⁸. Mas naquela circunstância essa medida de contenção estava longe de ser eficaz. Durante a noite os cativos escaparam e percorram 20 quilômetros até Bemba para juntarem-se aos insurgentes, que juntos somavam quase mil pessoas²³⁹. Por fim, devido ao grande movimento, o Capitão-Genereal acionou uma tropa de 5 mil soldados e com auxílio da população branca local, os escravos foram levados para as colinas, o desfecho deste ato levou a morte de 5 homens brancos, e mais da metade dos amotinados, que foram em sua maioria encontrados enforcados na floresta.²⁴⁰ Embora alguns registros aleguem que tenha sido um suicídio coletivo, há inúmeras controvérsias a respeito da veracidade desta informação, principalmente em virtude da natureza da revolta que imprimiam os amotinados.

Embora houvessem fortes repressões para o fim do movimento, no dia 5 de novembro ocorreu uma das maiores rebeliões escravistas cubanas até o momento. Os escravos da propriedade açucareira de *Triumvirato* levantaram-se e foram em direção a plantação vizinha de *Acana*, onde já havia ocorrido uma rebelião, lá eles libertaram os escravos algemados e mataram seis homens brancos²⁴¹. A rebelião começou a crescer naquela região agrupando cerca de 300 escravos, ao escutar a notícia, o Capitão-General moveu as tropas de Matanzas para a propriedade de *San Rafael*, onde aconteceu um confronto que durou várias horas, mas neste caso, ao fim da batalha, os insurgentes conseguiram fugir²⁴².

O temor social criado contra as pessoas de cor livres ou escravas tornou-se tão grande na Ilha de Cuba que assumiu um novo patamar. Em meio a tantas amotinações, um caso peculiar ocorreu na propriedade de *Santísima Trinidad* – perto de onde ocorreram as revoltas de *Triumvirato* e de *Acana* – uma escrava denunciou a existência de uma conspiração entre os escravos da propriedade alegando que eles realizariam um levante geral, mesmo sem provas concretas sua denúncia tinha muito peso naquele momento, centenas de escravos foram presos, dezesseis foram assassinados e a delatora obteve sua própria liberdade²⁴³.

No fim do ano de 1843, o novo capitão Leopoldo O'Donnell necessitava restaurar em Cuba a ordem social. Em primeiro lugar, solicitou a presidente da Junta de Fomento um parecer a respeito das ações tomadas no ano anterior, embora a junta tivesse inicialmente apoiado Valdés, entendia que a publicação do regulamento concomitantemente o agito

²³⁸ CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race, abolition and the Escalera*. Publicado em “Slavery and Abolition”, 25:1.2004, p. 82

²³⁹ *Ibidem*

²⁴⁰ *Ibidem*

²⁴¹ CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race...* pp. 82-83

²⁴² *Ibidem*

²⁴³ *Ibidem*

político internacional teria causado uma enorme desordem na conjuntura nacional, mas naquela circunstância, nada deveria ser feito, apenas ignorá-lo²⁴⁴.

Mas o pânico havia se alastrado entre a população branca da Ilha, os rumores começaram a sair do controle, eram denúncias de insurgências, tentativas de fugas e de homicídio²⁴⁵. Nos meses seguintes, os boatos alegavam que estas conspirações executadas pelos homens de cor teriam sido instigadas pelos abolicionistas britânicos presentes em Cuba²⁴⁶. Certamente, não demorou muito para as acusações apontarem para David Turnbull.

Logo no início das manifestações seu nome já estava vinculado como promotor destas ocorrências. Mas somente no ano de 1844, a Comissão Militar de Matanzas concedeu-lhe uma sentença alegando que Turnbull era o “autor e principal motivador da conspiração”²⁴⁷. No ano anterior Joseph Crowford (o cônsul sucessor) havia sido interrogado, mas poucas informações foram obtidas, a suspeita do envolvimento de Turnbull foi somente confirmada a partir do depoimento de Francis Ross Cocking, que confirmou o envolvimento de Turnbull nos levantes, relatando que a rede de pessoas criada por ambos em 1842, já tinha como um dos objetivos a organização de uma insurreição, e que o exílio de Turnbull na Jamaica teria dado-lhe condições de criar apoio externo²⁴⁸.

Embora David Turnbull negasse qualquer envolvimento nas manifestações justificando que foi expulso da ilha dois anos antes, em cartas particulares o abolicionista vangloriava-se de seu relacionamento pessoal com os cubanos independentistas e abolicionistas afirmando que “nenhum outro inglês na Ilha desfrutava de oportunidades como as minhas de obter informações corretas, quanto aos desejos, intenções e movimentos do partido crioulo”²⁴⁹. No entanto, por mais que Turnbull estivesse diretamente vinculado aos levantes ocorridos, não havia como comprovar que a conspiração seria um resultado somente de seus atos em Cuba.

Ao fim do episódio, as investigações já teriam se transformado em condenações, prisões e torturas, conforme Berbel, Marquese & Parron “escravos de mais de 230 *plantations* passaram pelos horrores do tribunal de exceção, enquanto estatísticas incompletas indigitam 96 brancos, 783 cativos e, pasme-se, 2.187 homens de cor como vítimas de interrogatório,

²⁴⁴SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. p. 249; PARRON, Tâmis p. 444

²⁴⁵ CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race, abolition ...* p. 83

²⁴⁶ *Ibidem*

²⁴⁷ ANC, CM, 51/1, pp. 591-2 *apud* CURRY-MACHADO, Jonathan, p.83 (tradução nossa)

²⁴⁸ CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race, abolition ...* p. 83

²⁴⁹ Turnbull to Lord Stanley, 31 July 1842 (PRO, CO 318/157) *apud* CURRY-MACHADO, Jonathan, p.83 (tradução nossa)

prisão, ostracismo ou execução”²⁵⁰. E ainda sim, estas medidas não teriam sido suficientes para reestabelecer a ordem social. Estes efeitos da *Conspiracion de La Escalera* teriam-los ensinado duas coisas: o comércio de escravos precisava ser abolido; e as leis seguintes precisariam beneficiar os escravos de alguma forma, pois após estes movimentos, percebeu-se que os escravos, os emancipados e os libertos não estavam dispostos a serem apenas expectadores desta luta²⁵¹.

²⁵⁰ BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba...* p. 293

²⁵¹ *Ibidem*, p. 299

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível compreender como as dinâmicas internacionais influenciaram no contexto social, político e econômico cubano local, principalmente referente ao comércio de escravos que no início do século XIX estava em seu auge. Percebemos através da atuação de David Turnbull como a forte interferência britânica influía sobre diversas colônias na época a fim de estabelecer sua supremacia internacional. Ainda através do olhar de David Turnbull enquanto jornalista viajante, analisamos o contexto espacial cubano compreendendo como diversos fatores condicionaram para a perpetuação do sistema escravista. Através da sua narrativa foi possível compreender muito do contexto local, como as relações sociais, políticas e administrativas presentes na Ilha. Demonstrando a significativa importância econômica que a produção açucareira baseada na mão de obra escrava tinha tanto para os oligarcas cubanos quanto para a metrópole espanhola, e como a utilização deste trabalho forçado e o estímulo ao tráfico negreiro trouxeram enormes consequências para aquela sociedade.

No capítulo final, deslocamos esta narrativa inicial de Turnbull para apresentar sua inserção no contexto político internacional. Assim, examinamos as crescentes discussões abolicionistas e as propostas expostas durante a primeira Convenção Mundial Contra a Escravidão para suprimir a escravidão e o tráfico negreiro transatlântico. Entre diversas propostas foi apresentado o plano de David Turnbull, que embora fosse taxado como radical e infundável teve grande apoio entre os abolicionistas britânicos. Com retorno para Cuba como cônsul britânico em Havana e Superintendente dos Africanos Livres, observamos as consequências de sua atuação abolicionista. As fortes impressões causadas por David Turnbull naquela sociedade fizeram com que, mesmo expulso da Ilha, fosse acusado como responsável por uma revolta entre os escravos.

A proximidade de Kingston à Cuba foi uma das justificativas por quais os políticos cubanos insistiram na ideia da influência de Turnbull na Conspiração de *La Escalera*, alegando que o abolicionista teria ido para lá com intuito de receber apoio para o levante cubano de 1844. Mas apesar das difamações, suas ações na Jamaica contra o tráfico de africanos escravizados continuavam sendo imensamente respeitadas entre os abolicionistas britânicos. Em 1850, Turnbull retornou com Alice – sua esposa – para Grã-Bretanha, lá o abolicionista publicou o livro “The Jamaica Movement for the Promoting of Slave-Trade Treaties”, e foi convocado no dia 7 de maio do mesmo ano para participar de um comitê

seleto da *House of Lords* sobre o comércio de escravos na África para contar um pouco do seu trabalho e seu plano.²⁵²

Na Europa David Turnbull recebeu outra missão diplomática. A pedidos de Palmerston, Turnbull foi enviado para França com objetivo de recrutar abolicionistas franceses, produtores de açúcar de beterraba e plantadores e comerciantes franceses das Índias Ocidentais, para auxiliar a Grã-Bretanha na supressão do comércio de escravos portugueses e espanhóis²⁵³. Mas não conseguiu completar essa jornada, no dia 7 de maio de 1851, após um longo período doente, David Turnbull faleceu²⁵⁴. Em um tributo pago por Palmerston na Academia Francesa de Ciências foi distribuído à todos os membros da academia o artigo que Turnbull havia preparado para apresentar, em uma demonstração de respeito Palmerston comentou: “Sinto muito. É uma grande perda para a causa de supressão do comércio de escravos”²⁵⁵.

Tendo em vista todos os fatos apresentados, podemos concluir que as ações de David Turnbull foram realmente impulsionadas pelo seu posto de diplomata britânico, uma vez que, a Grã- Bretanha o teria proporcionado cargos e competências necessárias para difundir seus ideais abolicionistas. No entanto cabe ressaltar que o escocês já estava vinculado à militância antiescravagista antes de deter qualquer cargo britânico. E por mais que o sujeito seja fruto do meio em que se relaciona, o meio também é moldado pelas ações dos sujeitos.

Neste sentido, podemos perceber com o auxílio das metodologias elencadas na introdução, que não foi só a atuação de David Turnbull que modificou o mundo social a sua volta, mas que o próprio Turnbull modificou sua visão a respeito da estrutura econômica e social do sistema escravista cubano, em função das experiências que teve ao aportar na ilha em 1837. Isto é, com a chegada de David Turnbull em Cuba a disposição de forças e recursos, e a própria dinâmica da sociedade cubana naquele momento histórico específico, moldaram a percepção que o mesmo tinha previamente à sua chegada, e esta percepção de Turnbull, já moldada pelas estruturas, foi o que norteou sua atuação enquanto militante abolicionista e membro da diplomacia britânica em Cuba.

²⁵² *Ibidem*

²⁵³ MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade*. Cambridge University Press, 1980, pp.218-219

²⁵⁴ LLORCA-JAÑA, Manuel. *David Turnbull (1793?- 1851): journalist and slavery abolitionist*. Oxford... p.3

²⁵⁵ Minute by Palmerston, 31 May, on F.O. draft to Mrs Turnbull *apud* MURRAY, David R. 1980, p. 219 (tradução nossa)

REFERÊNCIAS

1. Fontes

An Act for the Abolition of Slavery throughout the British Colonies; for promoting the Industry of the manumitted Slaves; and for compensating the Persons hitherto entitled to the Services of such Slaves. 3° & 4° Gulielmi IV, cap. LXXIII. 28th August 1833. Disponível em: https://www.pdavis.nl/Legis_07.htm. Acesso em: 08/10/2019.

An Act for the Abolition of the Slave Trade. 47° Georgii III, Session 1, cap. XXXV. 25th March 1807. Disponível em: https://www.pdavis.nl/Legis_06.htm Acesso em: 08/10/2019.

Proceedings of the General Anti-Slavery Convention, Called by the Committee of the British and Foreign Anti-Slavery Society and Held in London. Londres: British and Foreign Anti-Slavery Society, 1841

TURNBULL, David. *Travels in the West: with Notices of Porto Rico and Slave Trade.* Londres: Longman, Orme, Brown, Green, and Longmans:1840.

Tratado entre su Magestad la Reina de España y su Magestad el Rey del Reino Unido, de la Gran Bretaña e Irlanda, para la abolición del tráfico de esclavos, concluido y firmado em Madrid em 28 de Junio de 1835. Habana. Imprenta del Gobierno y Capitanía General por S. M. 1858.

2. Figuras

ALFRED, Count D'Orsay. *Richard Robert Madden.* 1828. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw04160/Richard-Robert-Madden?LinkID=mp02911&role=sit&rNo=0>. Acesso em: 11/02/2020

AUTOR DESCONHECIDO. *Gerónimo Valdés: Governors and Captain-Generals of Cuba.* Disponível em: <https://www.latinamericanstudies.org/captain-generals.htm> Acesso em: 11/02/2020

AUTOR DESCONHECIDO. *Francisco de Arango y Parreño.* In: PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba,* Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990. p.144

AUTOR DESCONHECIDO. *Francisco Dionísio Vives Piñón: Governors and Captain-Generals of Cuba.* Disponível em: <https://www.latinamericanstudies.org/captain-generals.htm> Acesso em: 11/02/2020

AUTOR DESCONHECIDO. *Island of Cuba.*1840. In: TURNBULL, David. *Travels in the West: with Notices of Porto Rico and Slave Trade.* Londres: Longman, Orme, Brown, Green, and Longmans:1840, p.6

AUTOR DESCONHECIDO. *José Antônio Saco*. In: PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990. p.144

AUTOR DESCONHECIDO. *Joseph Sturge*. 1859. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw40878/Joseph-Sturge?search=sp&Oonly=true&sText=Joseph+Sturge&rNo=12> Acesso em: 10/02/2020

AUTOR DESCONHECIDO. *Miguel Tacón y Rosique: Governors and Captain-Generals of Cuba*. Disponível em: <https://www.latinamericanstudies.org/captain-generals.htm> Acesso em: 11/02/2020

AUTOR DESCONHECIDO. *Plano de La Habana*. Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya 1850. Disponível em: <http://cartoteca.digital.icc.cat/cdm/singleitem/collection/america/id/547/rec/6>. Acesso em: 11/02/2020

BALACA, Eduardo. *Joaquín Ezpeleta Enrile*. 1879. Palacio del Senado de España, Madrid.
 DESMAISONS, E. *4th Earl of Clarendon*. 1856. The Editors of Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/George-William-Frederick-Villiers-4th-earl-of-Clarendon>. Acesso em: 11/02/2020

HAYDON, Benjamin Robert. *Sir Thomas Fowell Buxton*. 1841. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw00979/Sir-Thomas-Fowell-Buxton-1st-Bt?search=sp&Oonly=true&sText=thomas+buxton&wPage=0&rNo=1> Acesso em: 11/02/2020

HAYDON, Benjamin Robert. *The Anti-Slavery Society Convention*. 1841. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw00028/The-Anti-Slavery-Society-Convention-1840> Acesso em: 11/02/2020

PARRON, Tâmis. *Os Engenhos de açúcar em Cuba, 1827*. In: PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2015

3. Bibliografia

BLASSINGAME, John W. *Bibliographical Essay: Foreign Writers View Cuban Slavery*. Association for the Study of African American Life and History. *The Journal of Negro History*: Vol. 57, No 4, 1972

BERBEL, Marcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e Política: Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010

BROWN, Christopher L. *Moral Capital: Foundations of British Abolitionism*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005

- CURRY-MACHADO, Jonathan. *How Cuba burned with the ghost of British slavery: Race, abolition and the Escalera*. Publicado em “Slavery and Abolition”, 25:1.2004
- FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/ Espanha/ Cuba: uma história comum* / Manuel Moreno; tradução Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: Edusc, 2005
- GRIFFIN, Katherine. *A Revolutionary Gathering: The World Anti-Slavery Convention of 1840*. North Alabama Historical Review. Volume 4, 2014
- HUZZEY Richard. *Freedom Burning: Anti-Slavery and Empire in Victorian Britain*. Cornell University Press; 1st Edition editionr-2012
- LEVI, Giovanni. *Sobra a micro-história*. In. BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP, 1992
- LUCENA SALMORAL, Manuel. *Leyes para esclavos: el ordenamiento jurídico sobre la condición, tratamiento, defensa y represión de los esclavos em las colonias de la América española*”, in José Andrés-Gallego (coord), *Nuevas Aportaciones a la Historia Jurídica de Iberoamérica*. Madrid: Fundación Histórica Tavera/Digibis/Fundación Hernando de Larramendi, 2000 (Cd-Rom)
- LLORCA-JAÑA, Manuel. *David Turnbull (1793?- 1851): journalist and slavery abolitionist*. Oxford University Press 2004–9
- MAHEIRIE, Kátia; PRETTO, Zuleica. *O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular*. Rev. Dep. Psicol.,UFF, Niterói , v. 19, n. 2, p. 455-462, Dec. 2007
- MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017*
- Marquese, Rafael de Bivar . *Capitalismo & escravidão e a historiografia sobre a escravidão nas Américas*. Estudos Avançados (USP. Impresso) , v. 26, p. 341-354, 2012
- MARQUESE, R. B. *Feitores do corpo, missionários da mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- MARQUESE, R. B. ; PARRON, T. P. *Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão*. Topoi. Revista de História , v. 12, 2011.
- MARTINS, Roberto Borges. *Códigos negros e políticas pró-natalistas em Cuba colonial*. XII Congresso Brasileiro de História Econômica. 13^a Conferência Internacional de História de Empresas. Niterói, 2017.
- MONTAUD, Inés Roldan.*En los Borrosos Confines de la Libertad: El caso de los negros emancipados en Cuba, 1817-1870*. Revista de Indias, vol. LXXI, num, 251. 2011
- MONTAGNER, M. A. *Trajetórias e Biografias: notas para uma análise bourdieusiana*. Sociologias (UFRGS) , v. 17, p. 240-265, 2007

- MURRAY, David R. *Odious Commerce: Britain, Spain and the abolition of Cuban slave trade*. Cambridge University Press, 1980
- PARRON, Tâmis. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2015
- PAQUETTE, Robert. *Sugar Is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Wesleyan University Press; Reprint edition, 1990
- PIQUERAS ARENAS, José Antônio. *La vida política entre 1780 y 1878*. In. OROVIO, Consuelo. *Historia de Cuba*. Volume 1. CSIC, 2009
- PIRALA, Antonio. *Historia de la guerra civil y de los partidos liberal y carlista*, Madrid, 1984
- RÉ, HENRIQUE ANTONIO . *Uma história da British and Foreign Anti-Slavery Society: a instituição que internacionalizou o antiescravismo britânico*. REVISTA DE HISTÓRIA , v. 176, 2017
- REVEL, Jacques. *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*. Revista Brasileira de Educação, Vol. 15, No. 45. 2010
- SALLES, R. ; MARQUESE, R. B. (Org.) . *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX. Cuba, Brasil e Estados Unidos*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016.
- SÁNCHEZ, Martha S. E. *Los momentos que preceden al la "Conspiración de La Escalera" en la Jurisdicción Matanzas: La población negra de la zona (1840-1844)*. Anales del Museo de América, Nº. 13, 2005
- SARTRE, J. P. O método progressivo-regressivo. In. *Questão de Método* (1960). São Paulo: Abril Cultural, 1978
- SILVA, J. C.; HORST, W. *Prolapso de Órgãos Pélvicos: revisando a Literatura*. Arquivos Catarinenses de Medicina, 2017
- SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c. 1760- 1871*. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História Social) Universidade de São Paulo, inglês, Estados Unidos, 2015
- WOMEN AND THE AMERICAN STORY. *1840 London Anti-Slavery Convention*. New York Historical Society Museum & Library, 2017.

ANEXOS

1 Imagens

ANEXO I – DAVID TURNBULL



Fonte: HAYDON, Benjamin Robert, 1841

ANEXO II – CONDE DE CLARENDON



Fonte: DESMAISONS, E – 1856

ANEXO III – FRANCISCO DE ARANGO Y PARREÑO



Fonte: PAQUETTE, Robert L, 1951

ANEXO IV - FRANCISCO DIONÍSIO VIVES PIÑÓN



Fonte: Governors and Captain-Generals of Cuba, 2006

ANEXO V - JOSÉ ANTÔNIO SACO



Fonte: PAQUETTE, Robert L, 1951

ANEXO VI - MIGUEL TACON Y ROSIQUE



Fonte: Governors and Captain-Generals of Cuba, 2006

ANEXO VI - DON JOAQUIN DE EZPELETA



Fonte: BALACA, Eduardo, 1879

ANEXO VII - RICHARD ROBERT MADDEN



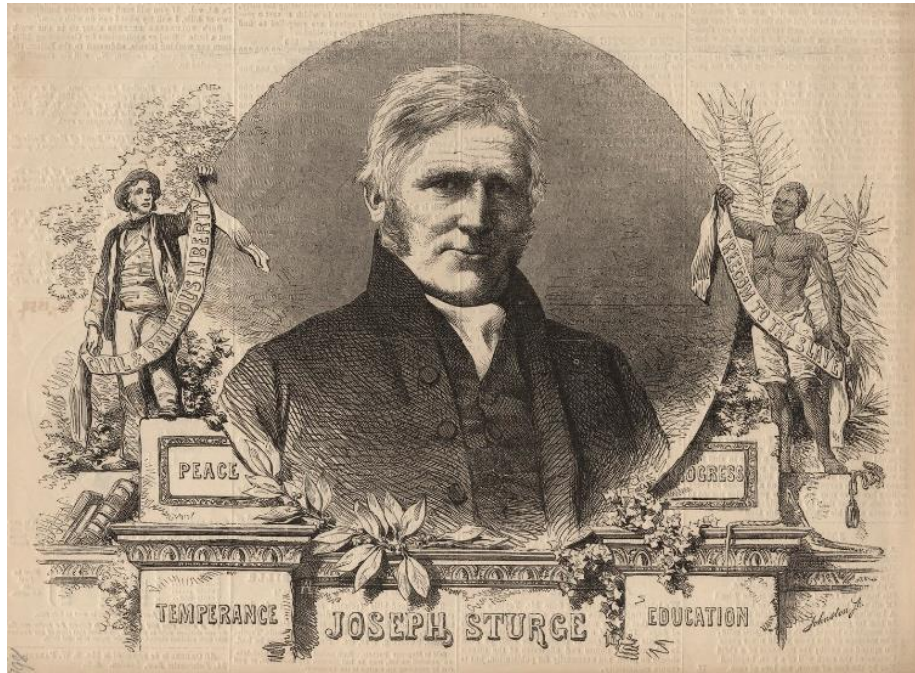
Fonte: ALFRED, Count D'Orsay, 1828

ANEXO VIII – THOMAS BUXTON



Fonte: HAYDON, Benjamin Robert, 1840

ANEXO IX – JOSEPH STURGE



Fonte: Autor Desconhecido, 1859

ANEXO X – GERÓNIMO VALDÉS



Fonte: Governors and Captain-Generals of Cuba, 2006